

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE**

VIRGINIA LUCIA COSTA NEVES

SEXUALIDADE: (RE)DESCOBRINDO POSSIBILIDADES NA(S) VELHICE(S)

RECIFE

2020

VIRGINIA LUCIA COSTA NEVES

SEXUALIDADE: (RE)DESCOBRINDO POSSIBILIDADES NA(S) VELHICE(S)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Linha de Pesquisa: Família, Interação Social e Saúde

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria de Souza Brito Dias

RECIFE

2020

Dedico este trabalho ao meu amado esposo, *Carlos Roberto*, que caminhou ao meu lado 44 anos desta inesquecível experiência humana, e às nossas filhas queridas, *Manoela e Marilia*, ‘pérolas luminosas’ que continuam a iluminar minha vida.

A Lei Circular

A lei circular preside a todos os movimentos do mundo; rege as evoluções da natureza, as da história da Humanidade. Cada vida descreve ciclos e toda a história se divide em ciclos.

Os dias, as horas, o ano e os séculos rolam na órbita do Espaço e do Tempo e renascem, porque seu fim, se há um fim, é precisamente o de voltar ao princípio.

O nascimento e a morte são dois pórticos luminosos ou obscuros sob os quais é preciso passarmos, para entrar no templo do destino.

Nas disposições que remetem ao mistério da vida humana e às harmonias secretas, que presidem às suas fases sucessivas e às diferentes idades, verdadeiras estações da Alma, cada uma por sua vez dá suas flores e seus frutos.

O que caracteriza a mocidade é a opulência, a plenitude da vida, a superabundância das coisas, o impulso para o futuro dessa juventude: homens e coisas, artes, ciências, literatura, tudo lhe fala de grandiosidade, nobreza, força, glória e beleza.

Sente-se aí a criatura feliz com o viver; tem consciência de sua força e dela sabe servir-se. É quando atinge física e moralmente o ponto culminante da beleza. Um de nossos erros está em crer que a beleza da mocidade é a única senhora da vida.

A idade adulta é, em realidade, a idade de ouro da vida; é o verão de nossa existência; é feita de ardores, cheia de luz. É a idade da vitória, o período da plenitude; é o rio que corre com toda a força e espalha pelas campinas a riqueza e a fecundidade.

A velhice é o outono da vida. Ao pronunciar a palavra – velhice – sente-se já o frio que sobe ao coração; a velhice, segundo o modo de ver comum dos homens, é a decrepitude, a ruína; fase das tristezas, de todos os males, de todas as dores da vida; é o prelúdio melancólico e aflitivo do último adeus. *Há aí um grave erro.* Nenhuma fase da vida humana é inteiramente deserdada dos dons da natureza e muito menos das bênçãos

de Deus. Por que o derradeiro quartel da existência, o que precede imediatamente a coroação do destino, será mais triste que os outros?

Ao contrário, *a velhice é bela, é grande, é santa.*

A velhice recapitula todo o livro da vida; resume os dons das outras épocas da existência, sem as ilusões nem as paixões nem os erros. *Sabe, crê, vê e espera.* Em torno da fronte coroada pela cabeleira branca, paira uma majestade sacerdotal. A velhice é ainda, e apesar de tudo, uma das belezas da vida e certamente uma de suas mais altas harmonias. Entretanto, é preciso não esquecer de que, em nossa época, “*há muitos velhos, o que não é a mesma coisa*”, como dizia Chateaubriand.

Tem-se dito muitas vezes que *a velhice é a noite da vida.* É a noite; mas a noite é tão bela, com o seu ornato de constelações! Igual à noite, a velhice tem suas vias-lácteas, suas estradas brancas e luminosas, reflexos esplêndidos de longa vida.

As transformações operadas nas faculdades da Alma pela velhice são admiráveis. Esse trabalho interior resume-se em uma única palavra: *simplicidade.*

Simplifica, a princípio, o lado material da vida; suprime todas as necessidades irreais, as mil necessidades artificiosas que a mocidade e a idade adulta nos tenham criado e que faziam de nossa existência complicada verdadeira escravidão, servidão, tirania.

A velhice é um começo de espiritualização e não é uma decadência: é realmente um progresso, caminhada avante para o termo; e esse capítulo é uma das Bênçãos do Céu.

Léon Denis*

* Extraído do livro *O Grande Enigma*, escrito por Léon Denis em 1919, no capítulo XV: A lei circular: A vida – As idades da vida – A morte, pp. 189-221, editado pela FEB.

GRATIDÃO

Gratidão ao Senhor da Vida que me concedeu, mais uma vez, esta oportunidade de experiência humana e tem me protegido, guiado e amado, em todos os dias, permitindo que eu continue aprendendo e tentando melhorar sempre.

Aos meus queridos pais, Wilson e Isabel (*in memoriam*) e aos meus irmãos Wilson Jr., Etiene, Vicente, Carlos, Consuelo e Lucas, pelo carinho, atenção e o muito do que temos aprendido e compartilhado nesta vida.

Ao meu *eterno amor*, Carlos Roberto (*in memoriam*), por tudo que vivemos e compartilhamos, fazendo de cada dia que passamos juntos ‘uma dádiva’.

Às minhas amadas filhas, Manoela e Marília (dois presentes de Deus), às minhas netas Bianca, Marina, Izabel e meu neto Rafael (amores meus, quatro “estrelinhas” em forma de gente), assim como aos meus genros lindos, Arthur e Diogo (dois ‘bem-quereres’ meus).

Às amigas “do coração” Iris, Edna, Laís e Cirlene, presenças carinhosas e importantes na minha vida, compartilhando sorrisos, alegrias e lágrimas.

Aos sete participantes deste trabalho, pelas narrativas espontâneas e alegres. Pessoas que ficarão para sempre na minha lembrança em cada detalhe e característica individual. Foi gratificante e enriquecedor conhecê-los!

Aos professores da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), que tive a oportunidade de conhecer durante o percurso do mestrado, em especial à Prof^ª. Marisa Sampaio, aos colegas de turma da mesma Linha de Pesquisa, os quais contribuíram muito para meu crescimento, e as Professoras Suely Santana (UNICAP) e Nayana Pinheiro da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), por aceitarem participar da minha banca de avaliação.

À minha orientadora ‘muito querida’, ‘muito amiga’, Prof^ª. Cristina Brito, pessoa de fundamental importância na conclusão deste trabalho, sobretudo neste último ano. Esteve sempre do meu lado, com sua presença serena, experiente, sincera e inspiradora, que esperou ‘meu tempo’ para reunir forças e conseguir chegar até este momento. Gratidão.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva de pessoas idosas. Especificamente almejou-se: conhecer os significados e as atribuições dadas à sexualidade e à atividade sexual; distinguir as vivências da sexualidade na fase jovem e adulta; buscar compreender as experiências das pessoas idosas no exercício da sexualidade e identificar preconceitos subjacentes à sexualidade. A base teórica utilizada foi a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação (Teoria SOC), que tem como fundamento a perspectiva *Lifespan*. Participaram sete idosos na faixa etária entre 60 a 75 anos, de ambos os sexos. Os instrumentos utilizados foram: um questionário sociodemográfico e uma entrevista com roteiro. Os resultados das entrevistas foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Os principais resultados obtidos evidenciaram que: 1) as concepções de sexualidade não se restringiram à genitalidade, mas envolveram uma dimensão mais sensorial, permeada de carinho, encantamento e trocas, havendo mais seletividade na escolha dos parceiros; 2) os participantes se mostraram à vontade e não se constrangeram ao trazer suas vivências sexuais da fase jovem e adulta, as quais sofreram variações e tiveram forte influência na forma como homens e mulheres foram socializados; 3) na atualidade, eles experienciam o exercício da sexualidade de diferentes formas, desde um, que tem um casamento longo e estável com vida sexual ativa e satisfatória, até uma, que sonha encontrar um cavalheiro para estabelecer um relacionamento; 4) os preconceitos acerca da sexualidade apareceram subjacentes em algumas narrativas. Diante disso, conclui-se pelo reconhecimento de que a sexualidade é uma dimensão importante na velhice e se expressa de diferentes formas, assim como é vivida de modo peculiar e singular, podendo-se associá-la a uma designação plural - ‘velhices’. Espera-se contribuir com as pessoas idosas na redescoberta de possibilidades acerca da sexualidade; auxiliar na desconstrução de preconceitos que têm acompanhado a velhice no contexto social e transformar as informações relevantes sobre sexualidade e atividade sexual nas velhices numa intervenção psicoeducativa.

Palavras-chave: Sexualidade. Atividade sexual. Velhice(s). Preconceito/Ageísmo.

ABSTRACT

This dissertation aimed to understand the perceptions and feelings about sexuality from the perspective of elderly people. Specifically, the aim was to: know the meanings and attributions given to sexuality and sexual activity; distinguish experiences of sexuality in the young and adult phase; seek to understand the experiences of older people in the exercise of sexuality; and to identify prejudices underlying sexuality. The theoretical basis used was the Selection, Optimization and Compensation Theory (SOC Theory), which is based on the Lifespan perspective. Seven elderly people aged between 60 and 75 years old, of both sexes, participated. The instruments used were a sociodemographic questionnaire and an interview with a script. The results of the interviews were analyzed on the Thematic Content Analysis Technique. The main results obtained showed that: 1) the conceptions of sexuality were not restricted to genitality, but involved a more sensory dimension permeated with affection, enchantment and exchanges, having more selectivity in the choice of partners; 2) they felt at ease and did not feel embarrassed when bringing their sexual experiences from the young and adult phase, which suffered variations and had a strong influence of the way men and women were socialized; 3) nowadays, they experience the exercise of sexuality in different ways, from one, who has a long and stable marriage, with an active and satisfying sex life, to another who dreams of finding a gentleman to establish a relationship; 4) prejudices about sexuality appeared underlying some narratives. Therefore, it is concluded by the recognition that sexuality is an important dimension in old age and it is expressed in different ways, as well as it is lived in a peculiar and singular way, being able to associate it with a plural designation, 'old ages'. The expectancy is to contribute to elderly in the rediscovery of possibilities of sexuality; assist in the deconstruction of prejudices that have accompanied old age in the social context, and transform relevant information about sexuality and sexual activity in old age into a psychoeducational intervention.

Keywords: Sexuality. Sexual activity. Old age. Prejudice/Ageism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes	34
Quadro 2 - Análise de Conteúdo, roteiro didático	37
Quadro 3 – Indicadores para análise de conteúdo.....	38
Quadro 4 - Categorias de Análise e Descritores	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ENVELHECIMENTO E VELHICES	14
1.1 O paradigma <i>Lifespan</i> e a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação	18
2.1 Aspectos históricos da Sexualidade Humana	22
2.2 A sexualidade nas velhices	27
3.1 Objetivos	33
3.1.1 <i>Objetivo geral</i>	33
3.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	33
3.2 Método	33
3.2.1 <i>Natureza da pesquisa</i>	33
3.2.2 <i>Participantes</i>	34
3.2.3 <i>Instrumentos</i>	35
3.2.3.1 Questionário sociodemográfico	35
3.2.3.2 Roteiro de entrevista semiestruturada	35
3.2.4 <i>Procedimento de coleta dos dados</i>	35
3.2.4.1 Questionário sociodemográfico	36
3.2.4.2 Roteiro de entrevista semiestruturada	36
3.2.5 <i>Procedimento de análise dos dados</i>	36
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
4.1. Descrição dos participantes	40
4.1.1 <i>Amazonita</i>	40
4.1.2 <i>Ametista</i>	41
4.1.3 <i>Citrino</i>	41
4.1.4 <i>Jaspe</i>	42
4.1.5 <i>Rubi</i>	43
4.1.6 <i>Safira</i>	44
4.1.7 <i>Turmalina</i>	44
4.2 Resultados e Discussão das entrevistas	45
4.2.1 <i>Significados e atribuições dadas à sexualidade e à atividade sexual</i>	45
4.2.2 <i>Vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta</i>	48
4.2.3 <i>Exercício da sexualidade na(s) velhice(s):</i>	53
4.2.4 <i>Preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas</i>	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
ANEXO 1	76
Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (3 páginas)	76
ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	79

INTRODUÇÃO

A motivação para estudar a sexualidade na velhice surgiu ao longo do curso de especialização em Gerontologia e foi reforçada no atendimento clínico-psicológico do Serviço de Atenção ao Idoso (SAI), oferecido pela Clínica de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. Além disso, foram enriquecedoras e instigantes as experiências vividas com os grupos de pessoas idosas em eventos privados e institucionais, escutando relatos públicos de suas percepções sobre este momento de vida (incluindo a sexualidade), ora de uma velhice amarga, cheia de medos e limites, ora de uma velhice libertadora e promotora de possibilidades.

Monteiro (2018) comenta que a vida do ser humano se inicia na gestação; transcorre uma sequência de etapas (crescimento, amadurecimento, envelhecimento), até a morte, compondo ciclos que exigem do indivíduo adaptação e superação das adversidades que possam surgir. Na perspectiva do envelhecimento, Gomes e Fonseca (2019, p. 46) argumentam que “envelhecer é viver”. No entanto os requisitos para uma vida longa incluem as esferas biológica, psicológica e social, em todas as suas nuances. Assim, Ongaratto, Grazziotin e Scortegagna (2016) apontam o valor do convívio social no enfrentamento das dificuldades.

Viver por mais tempo só agrega valor se houver vida com qualidade. Entre os ganhos deste derradeiro ciclo de vida, podem-se incluir a liberdade de tempo para o cuidar, se cuidar, e para participar de atividades de lazer, educativas e sociais; oportunidades de conviver com netos; reencontrar amigos; permitir-se novos afetos e menos compromissos (Fruett, 2015).

Conquanto se apresente como um período que tende a ser relacionado à doença ou à incapacidade, embora saúde precária e idade avançada não sejam sinônimos, notadamente é um momento de possibilidades, apesar de acompanhado de desafios inerentes aos efeitos que o tempo infringe ao indivíduo, nos aspectos físico, emocional, social e econômico (Giddens, 2005).

Um aspecto importante, mencionado por Cruz e Ferreira (2011), que transporta a singular “velhice” para uma categoria plural “velhices”, é a percepção que a pessoa idosa tem de si própria, nesse período de vida. Mendes et al. (2017) complementam dizendo que esta experiência pessoal e heterogênea está diretamente associada à vida pregressa, às diferentes formas de envelhecer e às inúmeras maneiras de encarar e vivenciar a velhice.

Segundo Dantas et al. (2017), o envelhecimento e a(s) velhice(s) não obedecem a categorizações, nem têm idade definida para começar, tão pouco significam enfraquecer, tornar-se triste e assexuado. Estão diretamente ligados às peculiaridades de cada indivíduo, sua disposição, interesses, atitudes e escolhas ao longo da vida.

De acordo com Vilhena, Novaes e Rosa (2014), novas terminologias para se referir à(s) velhice(s) como “boa idade, melhor idade ou terceira idade” foram criadas para camuflar um *status* de menor reconhecimento simbólico, de um terceiro mundo na política da vida, ao que já passou pelo tempo, ao que fez história. O peso das representações sociais tende a se acerrar de mitos e preconceitos, contudo sem a experiência do velho não se criam conhecimentos, nem se formulam novas ideias.

A(s) velhice(s), conforme Mendes et al. (2017), são multifatoriais, multidirecionais e controversas no decorrer da existência em sociedade. O alcance das relações estabelecidas entre as características cronológicas e biopsíquicas envolve respostas às interações culturais, nas quais os indivíduos estão inseridos, tendo em vista que a(s) velhice(s) representa(m) as oportunidades que oferece, os fardos que carrega e as peculiaridades individuais, como em qualquer fase do desenvolvimento.

Ter uma velhice longa era um privilégio de poucos até o século XX, sendo que tal longevidade vem caracterizando uma significativa transição demográfica, em concordância com Veras e Oliveira (2018). Os autores corroboram com Mendes, Silva, Silva e Santos, (2018) e seguem dizendo que esta conquista é resultante do acúmulo de conhecimentos e das contínuas descobertas técnico-científicas. Este acúmulo delegou para o século atual grandes desafios sociais e políticos, no que se refere às necessidades básicas dessa população.

Paulatinamente, um maior número de pessoas atinge idades mais avançadas com qualidade de vida, no que Giddens (2005) e Miranda, Mendes e Silva (2016) concordam. Os autores acrescentam que as estratégias das políticas públicas visam prevenir, cuidar, entreter e psicoeducar, para sustentar a saúde e o bem-estar. Apesar de cercada por vulnerabilidades, há uma crescente tendência de a população senescente não aceitar esta etapa de vida como um momento de deterioração inevitável do corpo. Os avanços no campo da saúde vêm quebrando paradigmas, retardando o que um dia foi considerado irremediável e consolidando a concepção de que envelhecer não significa adoecer.

O desenvolvimento de respostas ao longo do processo de envelhecimento esbarra nos estereótipos ultrapassados e na influência do ambiente e do contexto social, que podem limitar a capacidade de usufruir das novas oportunidades. Para que a pessoa idosa possa conservar o domínio da capacidade funcional, é essencial atender suas necessidades básicas, movimentar-

se, aprender, crescer e tomar decisões, construir e manter relacionamentos (Organização Mundial da Saúde, 2015).

O avançar da idade traz alterações importantes e inexoráveis, porém os sentimentos, a necessidade de atenção, de afetos e de carinho não se modificam, como mencionam Oliveira, Neves e Silva (2018) e Uchôa et al. (2016). Neste âmbito encontra-se a sexualidade que, nessa etapa da vida, pode ser vivenciada em sua perspectiva mais ampla, aspecto com o qual concordam Neves e Dias (2019) quando acrescentam: a idade avançada não anula desejos de qualquer ordem, especialmente os ligados à sexualidade, independentemente da orientação sexual.

Para Oliveira (2019), o corpo e a sexualidade das pessoas idosas são vistos pelas lentes da sociedade, que configuram suas imagens e seus papéis, de acordo com a estrutura cultural, social, econômica e política. Compartilhando desta ideia, Oliveira e Vieira (2018) mencionam o fato de a sexualidade humana, em especial na(s) velhice(s), carregar uma bagagem cultural e social arraigada de mitos e preconceitos, ainda atuais para este segmento.

Em geral, as pessoas entre os 60 e 90 anos, para Uchôa et al. (2016), iniciaram suas descobertas sexuais sem informações apropriadas sobre o assunto. Assim, elas foram formulando seus conceitos sobre sexo e sexualidade por meio de suas próprias vivências ou de experiências repassadas pelos amigos, carregadas de fantasias e incorreções.

Diante desse contexto, percebe-se a importância de investigar esta temática, motivada pelo questionamento: quais são as percepções e os sentimentos das pessoas idosas sobre a sexualidade?

A pesquisa proposta teve como objetivo geral compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva de pessoas idosas. Especificamente almejou-se: conhecer os significados e as atribuições dadas à sexualidade e à prática sexual; distinguir as vivências da sexualidade na fase jovem e adulta; buscar compreender as experiências das pessoas idosas no exercício da sexualidade e identificar preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas dos participantes.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: uma breve introdução, apresentando a justificativa, a temática e o problema delineado neste estudo sobre a sexualidade na(s) velhices(s). Seguiram-se cinco capítulos, referências, apêndices e anexos. No primeiro capítulo discorre-se sobre o envelhecimento e velhice(s) em seus aspectos demográficos, suas condições de desenvolvimento biopsíquico, as diferenças de gênero e as diversidades culturais, incluindo as bases teóricas do paradigma *Lifespan* e da Teoria da Seleção, Otimização e Compensação. No segundo focaliza-se a sexualidade humana:

conceituação e caracterização, introduzindo os aspectos históricos da sexualidade humana e a sexualidade na(s) velhice(s). O terceiro foi dedicado aos objetivos e ao método utilizado na pesquisa. No quarto mostram-se a análise e a discussão dos resultados, baseadas nas histórias narradas a partir das entrevistas; no quinto capítulo trazem-se algumas considerações sobre o trabalho realizado.

1 ENVELHECIMENTO E VELHICES

Nas últimas décadas, o aumento da expectativa de vida tem sido uma realidade mundial. Este fato, atrelado às baixas taxas de fecundidade, vem demonstrando uma expressiva transição demográfica, marcada pelo aumento da população idosa (Maschio, Balbino, Souza, & Kalinke, 2011; Mendes et al., 2018; Monteiro, 2018). No Brasil, entre 1964 e 1996, a média de nascimentos igualava-se a 6,2 filhos por mulher. Atualmente encontra-se em 2,2 filhos por mulher. Paralelamente a isso, estima-se que o Brasil passará de décimo sexto para sexto lugar no contingente de pessoas idosas em relação ao mundo, com uma população senescente de 15%, até 2025, chegando a 24% até 2050 (Cunha et al., 2019).

Vale destacar que a expectativa de vida dos brasileiros aumentou em três meses e quatro dias, de 2017 para 2018, alcançando uma média ao nascer de 76,3 anos. Para as mulheres, espera-se uma longevidade de 79,9 anos e, para os homens, de 72,8 anos. Todavia, esses valores oscilam diante das diferenças regionais. Observou-se que, para ambos os sexos, a maior esperança de vida ao nascer igualou-se a 79,7 anos, no Estado de Santa Catarina. Índices acima de 78 anos foram encontrados no Espírito Santo, São Paulo, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. Em contrapartida, no Maranhão e Piauí, esses valores ficaram em 71,1 e 71,4 anos, respectivamente (Reis, Barbosa, & Pimentel, 2016).

Outro fator relevante referido pelos autores é a parcela de idosos acima de 85 anos, que tende a aumentar num ritmo maior que a população entre zero e 60 anos, podendo atingir 7% do total de pessoas em 2030. Enquanto apenas 18% das pessoas passavam dos 60 anos, em 1950, por volta de 2030, estima-se que 78% das mortes no Brasil ocorrerão em pessoas acima de sessenta anos. O importante é saber se essas pessoas com idades cada vez mais avançadas conseguirão ter uma vida saudável e produtiva nesses anos adicionais, assim como se existirão recursos humanos para o desenvolvimento ativo da sociedade.

Gutierrez e Falcão (2016) falam dos impactos desse crescimento nas diferentes esferas da organização social e da saúde pública, considerando que as diferentes formas de envelhecer estão relacionadas a condição socioeconômica, sexo, fatores genéticos e ambientais, acesso à educação e à informação. Comparando com outras faixas etárias, a população idosa possui maior probabilidade de desenvolver doenças crônicas e degenerativas que podem trazer perda de autonomia e deficiências, requisitando investimentos diversos e contínuos para garantir o bem-estar físico e subjetivo nesse ciclo de vida.

As nomenclaturas utilizadas para definir envelhecimento e velhice(s) remetem a uma esfera com muitas facetas, que modificam a relação da pessoa com o tempo, com o mundo e

com sua própria história (Batistoni et al., 2015). Os autores mencionam os estudos realizados por Barret (2003) e Schafer e Shippee (2010) a respeito das percepções do curso de vida, *versus* o nível socioeconômico e referem que “pessoas de nível socioeconômico mais baixo (com menor educação, renda e oportunidades ocupacionais) experimentam um padrão de desvantagem cumulativa ao longo da vida” (Batistoni et al., 2015, p. 512).

No que se refere às questões de gênero, Araújo e Fernández-Rouco (2016) assinalam que, na(s) velhice(s), as necessidades e preocupações do grupo heterossexual, relativas aos preconceitos, estereótipos e estigmas sociais negativos, são semelhantes às do grupo formado por lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros (LGBT), exceto em relação ao medo da rejeição da família e à marginalização social, em decorrência da orientação sexual. A população LGBT vem aumentando nas últimas décadas, com expressão na mudança sociodemográfica, especialmente, em alguns países desenvolvidos. Os autores evidenciam que os estudos enfocando estas pessoas revelaram encontrarem mais apoio por parte dos amigos que de seus familiares, assim como o seu processo de envelhecimento apresenta condições semelhantes aos da população em geral.

A cultura do envelhecimento tem sido reinventada ao longo dos anos, reproduzindo diferentes experiências, atitudes e crenças (Debert, 2019; Monteiro, 2018). Sendo um acontecimento natural nos seres vivos, surpreende ser um processo heterogêneo quanto à dinâmica e à natureza. Na perspectiva biogerontológica, é visto como um processo contínuo, irreversível, progressivo e não patológico, em que as modificações morfológicas, funcionais e psicológicas, com perdas da capacidade de adaptação ao meio ambiente, tornam a pessoa idosa vulnerável à incidência de processos patológicos (Ribeiro, Schmidt, Shimasaza, & Costa, 2015).

Ainda que a(s) velhice(s) possam ser consideradas como um processo contínuo de perdas que remete às situações imprevistas e à ausência ou à troca de papéis sociais, as quais podem repercutir na ordem física e/ou emocional, um novo cenário pode ser visto em estágios mais avançados de redefinições e expressões, relacionados a esse período (Abreu, 2017). Na medida em que a perspectiva de prolongamento da vida redesenha um envelhecimento e uma velhice de expectativas promissoras e inusitadas, a pessoa idosa precisa reencontrar seu lugar na sociedade e recuperar a sua autoestima (Debert, 2019).

Não obstante, a(s) velhice(s) estejam associadas a finitude, isolamento, doença e demência, entre outros aspectos, a pessoa idosa continua detentora de suas vontades, desejos, pensamentos e sensações, que não desaparecem porque ela envelheceu (Falcão, 2016). No

âmbito de desejos e sensações, a sexualidade é considerada um preditor de qualidade de vida (Silva, Rodrigues, & Gonçalves, 2020).

Outro aspecto presente na atmosfera que envolve o envelhecimento e a(s) velhice(s) são as questões estéticas, que chegam atreladas às alterações físicas e funcionais (Catapan et al., 2014). O conceito de beleza permeia o debate social por intermédio do tempo, com características pertinentes a cada época e, no decorrer do envelhecimento e da(s) velhice(s), assume uma conotação de perda. Seus valores objetivos se sedimentam no consenso coletivo social e individual, impregnando a percepção subjetiva e refletindo-se no imaginário, o que pode dificultar a autoimagem e autoestima na(s) velhice(s) (Baltrusis, 2013).

Neste sentido, a busca, em particular das mulheres, por procedimentos estéticos, insere no mercado um arsenal de produtos e técnicas visando resgatar uma aparência mais jovem, todavia, algumas práticas estão relacionadas à saúde, à autonomia e à funcionalidade, além da conotação saúde/beleza (Carrara, Vinagre, & Pereira, 2020).

No que tange à esfera familiar, este ambiente é considerado prioritário nas demandas relacionadas ao cuidado. “As concepções do envelhecimento são percebidas a partir das particularidades de cada arranjo familiar, das condições socioeconômicas, de valores culturais e morais” (Colussi, Pichler, & Grochot, 2019, p. 5). Um aspecto relevante para uma vida satisfatória na velhice é o apoio intergeracional, caracterizado pela ajuda mútua informal e a solidariedade prestadas por familiares, amigos, grupos comunitários, serviços de saúde, sobretudo para os idosos de baixa renda (Sousa, Silver, & Griep, 2010).

O Brasil vem assistindo a criação e implementação de políticas direcionadas às pessoas idosas, com a Política Nacional do Idoso, Estatuto do Idoso, delegacias para o combate à violência e maus tratos, Conselhos de Idosos, universidades, programas de acolhimento e lazer e centros de convivência, entre outros (Debert, 2019). Este panorama tem permitido a reconstrução de antigos conceitos, propondo assegurar direitos e integração desse seguimento (Gomes et al., 2018). Nesta construção, o setor sociopolítico do “velho” começa a ensaiar novas representações (Abreu, 2017).

Os programas brasileiros, criados para grupos de pessoas idosas, datam de 1960. Proliferaram e visam propiciar atividades que convençam este público de que a atual etapa da vida abre possibilidades para novas conquistas e relacionamentos profícuos entre jovens e velhos (Debert, 2019). Outras ações psicossociais realizadas junto a estes grupos são direcionadas ao cuidado, enfatizando a capacidade de enfrentar os desafios do envelhecimento e facilitando a descoberta de recursos compensatórios capazes de manter ou melhorar a vida (Rabelo & Neri, 2013).

O envolvimento em atividades sociais melhora a cognição, a saúde física; promove longevidade e funcionalidade, possibilitando trocas que trazem sentimentos de pertencimento e utilidade junto aos pares. Na perspectiva de um envelhecimento ativo e saudável, a peça fundamental é a participação social como preceito de qualidade de vida. No entanto idosos de baixa renda e com pouca escolaridade tendem a participar menos dessas atividades, especialmente se tal participação exige investimentos financeiros (Neri & Vieira, 2013).

As atividades grupais trazem benefícios significativos para a qualidade de vida no envelhecimento e na(s) velhice(s) (Xavier et al., 2015), tal como verificaram Andrade et al. (2014) em pesquisa investigando a percepção dos idosos em relação aos grupos de convivência. Os resultados giraram em torno do afastamento da solidão, melhora da autoestima, ampliação do círculo de amizades, resgate de valores pessoais e sociais, melhor entrosamento com a família, aliados à probabilidade de envelhecer com mais saúde.

As pessoas a partir dos 60 anos, no contexto brasileiro, e dos 65 anos, nos países desenvolvidos (Dantas et al., 2017), adentram, socialmente, em uma etapa de vida caracterizada pela complexidade, tendo em vista que muitas delas, independente de classe social, sexo, profissão, grau de dependência e local de moradia, negam o próprio envelhecimento por diversos motivos (Silva & Ferret, 2019; Xavier et al., 2015). Além disso, as vinculações sociais podem reafirmar expressões de sentimentos positivos, autoconfiança e motivar interações humanas (Ongaratto et al., 2016).

A pele enrugada, os cabelos brancos, o olhar distante e a fala mansa escondem um ser frágil, com sonhos e desejos, talvez diferentes dos demais, mas que podem continuar vivos dentro dele/dela e merecem respeito, embora, no cotidiano, não sejam levados em consideração, especialmente, no tratamento dispensado por pessoas mais jovens, quando subestimam as prioridades e os desejos das pessoas idosas (Hernandes, 2015).

A vida, no decorrer da existência humana, tem obrigatoriamente um início e um fim. Aqueles que tiverem condições de chegar à velhice precisarão processar na dimensão física e psicológica tudo que foi experienciado e aprendido, envelhecendo na sequência dos dias, portanto o envelhecimento não deve ser curado, e sim vivido (Abreu, 2017). É uma fase de desenvolvimento tão importante quanto as anteriores e merecedora de respeito e estudos direcionados a alavancar novas concepções sociais (Silva & Ferret, 2019).

A Gerontologia e a Psicologia do Envelhecimento têm contribuído para ampliar a compreensão sobre o funcionamento emocional na(s) velhice(s). Uma das teorias que fundamenta a manutenção dos indivíduos ativos, motivados para gerenciar e regular emoções e ganhos em termos de compensações é a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação

(Teoria SOC), defendida por Paul B. Baltes (1987). Ele inovou ao focar o desenvolvimento como um processo que ocorre ao longo de toda a vida (*Lifespan*), sendo resultante da interação dos recursos da pessoa com os recursos do ambiente, em um regime de interdependência (Batistoni, 2016).

1.1 O paradigma *Lifespan* e a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação

A partir de estudos sobre padrões evolutivos e plasticidade do desempenho cognitivo, o psicólogo alemão Paul B. Baltes (1939 - 2006) caracterizou o envelhecimento em uma perspectiva de desenvolvimento psicológico ao longo de toda a vida (*lifespan*), acatando conceitos de plasticidade e capacidade de resiliência (Fontes & Neri, 2015; Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012). Nesse sentido, compreende-se “o desenvolvimento como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestradas por influências genético-biológicas e socioculturais, de natureza normativa e não normativa, marcadas por ganhos e perdas concorrentes”, que conectam as atividades entre o indivíduo e o meio (Neri, 2006, p. 19).

O desenvolvimento acontece a partir do que o indivíduo é e dos aspectos socialmente comuns para os membros de determinado grupo. As influências normativas podem ser ontogenéticas e históricas. As de natureza ontogenética ou genético-biológicas são mais homogêneas entre os sujeitos e são graduadas pela idade e pela fase da vida (como: infância, adolescência, menopausa, velhice); as históricas são previsíveis e estão associadas a um caráter universal de ocorrência (fatores ou mudanças biossociais: novas tecnologias, guerras, crises econômicas). As não normativas são não previsíveis, dizem respeito a eventos não esperados em determinado período da vida, como doenças graves, perdas precoces ou ganhos inesperados (Baltes, Reese, & Lipsitt, 1980; Lima & Coelho, 2011; Neri, 2006; Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012).

A capacidade plástica na velhice acerca-se de padrões ligados às mudanças adaptativas, envolvendo aumento, diminuição e manutenção de habilidades (Baltes, 1987). Nos senescentes, embora os limites biológicos e comportamentais se estreitem, é proporcional a capacidade de reserva e de flexibilidade, denominada resiliência (Fontes, 2010; Fontes & Neri, 2015). Esse aspecto está associado a vários fatores e interpretações, sendo compreendido como parte de uma interação entre força e crescimento interno, padrões adaptativos, regulação emocional, dentre outros. Ser uma pessoa resiliente no processo *Lifespan* é de alta relevância para gerenciar perdas e superar dificuldades (Baltes et al., 1980).

Este contexto conduziu Baltes, na década de 1980, “à proposição da Teoria de Seleção, Otimização e Compensação (Teoria SOC), segundo a qual os ganhos e as perdas evolutivas são resultantes da interação entre recursos da pessoa com os recursos do ambiente, em um regime de interdependência” (Neri, 2006, p. 21).

O modelo teórico SOC faz referência às estratégias de enfrentamento utilizadas ao longo da vida, para suportar as transformações físicas, mentais e sociais impingidas pelo tempo, especialmente, aquelas que vão da fase adulta até o final da vida. A capacidade funcional pode estar associada a aspectos limitantes, tanto às adquiridas pelo potencial genético quanto às provenientes de situações ligadas às estruturas socioculturais (Freire, Resende, & Rabelo, 2012).

O envelhecimento bem-sucedido, na perspectiva *Lifespan*, baseia-se no processo de adaptação, que vai moldando ativamente a sequência dos acontecimentos, desde os primeiros anos de vida, e segue em um contínuo. Nesse processo, admite-se que todas as fases do desenvolvimento envolvem ganhos e perdas, em decorrência do que vai sendo selecionado e adaptado aos objetivos e metas nos ciclos de vida e da resiliência desenvolvida em nível pessoal (Freire et al., 2012)

A teoria SOC procura entender o sucesso do indivíduo, descrevendo como acontece o desenvolvimento, como um todo, e de que forma se estabelece o manejo entre as mudanças internas e externas, com base nos recursos físicos, psicológicos e sociais da pessoa. Este manejo fomenta a maximização dos ganhos e minimização das perdas (Neri, 2006; Schulz & Heckhausen, 1996).

A velhice bem-sucedida implica na manutenção de competências, em diversos domínios de funcionamento, na administração de oportunidades/ganhos (selecionados e otimizados) e no gerenciamento das perdas (compensação), dentro dos limites de plasticidade relacionados à idade e à condição do indivíduo, numa reorganização adaptativa, proporcional ao surgimento de restrições. No entanto a descoberta de novos domínios ou a transformação dos já existentes podem ocorrer, criando expectativas de satisfação (Schulz & Heckhausen, 1996; Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012).

Na estratégia de seleção, é importante escolher alternativas pertinentes às metas e resultados que se deseja serem alcançados. O envelhecimento e a velhice, quando direcionados às perdas, pressionam o indivíduo a fazer alterações em seus objetivos para atingir resultados satisfatórios. A seletividade deve trabalhar com a diversidade, que corresponde à oportunidade de diferentes domínios de desempenho. Com o envelhecimento, a pessoa vai ficando mais seletiva (aumenta a seletividade), enquanto a diversidade diminui

gradativamente, demonstrando que o processo de seleção é guiado por interações entre a pessoa e o ambiente (Baltes & Dickson, 2001; Schulz & Heckhausen, 1996).

No que se refere à otimização, recursos internos e externos vão ser refinados ou alocados, no intuito de alcançar os objetivos, podendo o idoso recorrer ao auxílio externo para mudar ou aprimorar habilidades em determinado perfil. Isto implica em julgamento de valor sobre o que é desejado. Caracteriza a crença de que, ao longo do curso de vida, o indivíduo pode aumentar suas reservas em quantidade e qualidade. De forma prática, quando ocorre uma perda significativa, relativa a um recurso, plasticidade ou adaptação, novos processos vão sendo acionados em prol do funcionamento almejado (Freire et al., 2012; Schulz & Heckhausen, 1996).

A compensação são as respostas às perdas e envolve a utilização de processo compensatório (alternativos) para manutenção satisfatória de um determinado funcionamento perdido ou para melhorar o desempenho, utilizando tanto recursos psicológicos internos quanto mecanismos e tecnologias externas. A compensação fomenta a resiliência adaptativa na velhice, a remediação para a superação da perda, a substituição de habilidades e a acomodação das metas diante das demandas apresentadas (Freire et al., 2012; Lima & Coelho, 2011; Schulz & Heckhausen, 1996).

As interações pessoa-ambiente podem gerar experiências de sucesso ou fracasso, interferindo no processo, estando a compensação responsável por proteger o indivíduo das ameaças de fracasso. A situação compensatória pode estar condicionada à seleção e otimização, às mudanças associadas ao ambiente e a perdas naturais do envelhecimento (Freire et al., 2012).

Nessa ótica, a velhice é um período de desenvolvimento cognitivo, à semelhança dos que ocorrem em outras fases da vida, podendo haver crescimento e declínio. Participar de programas ou processos educativos, que envolvam atividades mentais e físicas, como formação profissional, reciclagem, socialização, participação em grupos e momentos de lazer, dentre outros, funciona como fator de proteção, permitindo equilibrar os benefícios das atividades com os declínios inerentes à idade (Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012).

Freire et al. (2012) revisaram as bases que levaram Baltes e Baltes (1991) a propor a teoria SOC. Com isso, resumem que este modelo não contempla apenas a compensação de perdas, por ocasião da velhice. É aplicado às mudanças evolutivas ao longo da vida, mostrando que surgem oportunidades e limitações de recursos, as quais fazem com que cada pessoa utilize estratégias para maior ou menor adaptação, durante seu desenvolvimento.

O modelo psicológico, que tem como base a Teoria SOC, significa, em poucas palavras, fazer e ser o melhor possível com os recursos internos e externos de que o indivíduo dispõe em seu contexto pessoal. Atualmente, é considerado um modelo meta-teórico por ser incorporado a diferentes perspectivas metodológicas (Neri, 2006).

Outro teórico que estuda o enfrentamento de situações estressoras utilizando os recursos de otimização seletiva com compensação é Albert Bandura (1925), que formulou a Teoria Social Cognitiva, quando estabeleceu que, entre os processos autorregulatórios do *self*, a otimização seletiva com compensação representa meio de recuperação de perdas e traumas, mantendo o funcionamento psicológico positivo, estratégias utilizadas no envelhecimento e na velhice.

Tendo explanado um pouco sobre a envelhecimento e a meta-teoria SOC, passaremos, no próximo capítulo, a destinar atenção para temática da sexualidade.

2 SEXUALIDADE HUMANA: CONCEITUAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

2.1 Aspectos históricos da Sexualidade Humana

O desejo de união entre as pessoas é uma das características dos seres humanos e o amor deveria ser entendido como uma resposta amadurecida do existir (Fromm, 1985). O amor e o sexo, temas recorrentes em poesias, músicas, livros e estudos, deveriam ser considerados como uma resposta sadia e satisfatória ao problema da existência humana, contudo, ao longo dos séculos, foram adquirindo novos significados e representações sociais. O seu desenvolvimento pode ir de encontro às necessidades básicas, diante da emergência da natureza humana e, por vezes, da obscuridade das sociedades (Freire & Sousa, 2017).

O percurso histórico da sexualidade humana é o resultado de muitos séculos de ressignificações e se tornou um fenômeno humano singular (Gregersen, 1983). As civilizações alternaram olhares e percepções, ao se adaptarem de forma lenta e gradual aos diversos disfarces, normas, tolerâncias e intolerâncias de conceitos e práticas compatíveis à compreensão dos contextos socioculturais (Foucault, 1988).

Na Antiguidade, Hipócrates (460-370 a.C.) acreditava na participação das mulheres na formação dos embriões e que suas secreções eram equivalentes ao sêmen masculino (doutrina das duas sementes), teoria esta defendida no século II da Era cristã, por Galeno. Já Aristóteles (384-322 a.C.), considerado por alguns estudiosos o pai da sexologia ocidental, teve preocupação com problemas relativos às atividades sexuais, negando às mulheres a participação na geração dos embriões. Seus pensamentos corroboravam com as ideias bíblicas subsidiando-as e prevalecendo na sociedade patriarcal (Gregersen, 1983).

Entre os séculos III e V, o sexo era vigiado pela igreja e o ideal cristão era o sexo apenas para fins procriativos. O Concílio de Elvira, realizado no século IV (entre 302-324 d.C), na Espanha, produziu os cânones da vida cristã, que determinavam celibato dos sacerdotes, o casamento, o batismo, a idolatria, a excomunhão, as heresias, dentre outros. Essas normas exigiam que o marido se divorciasse da sua esposa no caso de traição, mas se a infidelidade fosse do marido, nenhum direito teria a mulher (Lins, 2012).

No decorrer do século VII, a igreja regulamentava as atividades sexuais dentro do casamento, proibindo-as nos dias de festividades religiosas, aos domingos, nos dias que a mulher era considerada impura (gravidez, período menstrual e quarenta dias após o parto), além da posição, para se manter o coito, que deveria ser um de frente para o outro (o homem em cima da mulher). Desobediências recebiam punições, podendo chegar até sete anos sem se

tocarem, para os casos mais graves. As mulheres não eram vistas como cidadãs, eram necessárias para procriação (Gregersen, 1983).

Até o século IX, a união dos casais era um ato laico e privado, contudo reconhecido publicamente, pois a comunidade presente testemunhava o acontecimento. A igreja não participava dos festejos, nem da celebração. A união representava a formação de uma aliança política, que acontecia na casa do noivo, após a negociação, transmissão da herança e dos títulos e o momento mais importante acontecia no quarto nupcial, quando após se deitarem na frente de todos e receberem a bênção do pai do noivo, ficavam a sós para a consumação do ato, enquanto os convidados retornavam para a festa (Araújo, 2002; Dantas, 2010).

As autoridades religiosas, embora não conduzissem as uniões conjugais, eram investidas pela moral cristã. Tinham o privilégio da instrução nos mosteiros; adotavam uma visão preconceituosa da vida em sociedade. O celibato era símbolo de moral e estado superior ao casamento e a castidade era um estado de graça. O sexo, apenas no casamento, deveria ter por objetivo a procriação, praticado com critério, limitando ao máximo a prática sexual. No século X, prega-se nas cidades a submissão total ao papa e, no século XI, a igreja cobre o ato sexual de culpa e decreta a castidade absoluta do clero. Impõe normas e limites; define proibições e transforma todos em pecadores, sendo a igreja o agente das punições (Seixas, 1998).

Nos séculos XII e XIII, a igreja começou a fazer interferências nas celebrações, com intervenções gradativas, passando a induzir os cristãos a seguir o modelo matrimonial indissolúvel e monogâmico, converteu a cerimônia de pública a religiosa, passou a sacramentar o casamento e obter o controle legítimo sobre a vida conjugal; assegurando o poder político da igreja, considerava que só se podia amar a Deus. A atividade sexual passou a ser contida e recatada e as extravagâncias repudiadas. Para propagação da espécie, tolerava-se o desejo, mas se vigiava o prazer (Dantas, 2010).

No percurso entre os séculos XV, XVI e XVII, gradativamente, os manuais confessionais ressaltavam a importância de pensamentos, imagens e desejos. Aos pecadores eram apresentadas as advertências quanto ao perigo de sonhos, imaginações e recordações. O pecado não se restringia ao ato (Dantas, 2010).

Nos primórdios do século XVII, as ordenações sociais ainda eram frouxas e transigentes, permitindo livres expressões dos pensamentos, entretanto, com o desenvolvimento do capitalismo e da Idade da Repressão, o prazer sexual fica circunscrito às questões reprodutivas. O sexo era proibido, reprimido e qualquer alusão a ele constituía uma

atmosfera transgressora deliberada, que rompia o controle do poder por confrontar a lei, agourando uma liberdade futura (Foucault, 1988).

Dentre as grandes transformações dos três séculos XVIII, XIX e XX estão os discursos acerca da sexualidade humana, especialmente no século XVIII, centralizando-se nas práticas sexuais, que eram regidas pelo direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil, limitando o lícito e o ilícito. Assim, enquanto as normas de conduta e decência serviam para interditar as declarações e discussões abertas, era delineado um efeito inverso no tocante à valorização e à incitação desse tópico em nível político, econômico e técnico (Foucault, 1988).

Confrontando as concepções da época, o clérigo inglês Malthus, no século XVIII, escreveu um ensaio sobre crescimento populacional, com uma ética acumulativa e desejo de ascensão social, fundamentando a ideologia burguesa, segundo a qual deveriam ser avaliados os custos e benefícios do casamento. Esboçava-se o controle da natalidade, retardamento das uniões que passavam a centrar seus objetivos nos aspectos econômicos e psicológicos do casamento. O amor romântico passa a ser usado como justificativa da ausência de filhos, prevenindo o desequilíbrio entre crescimento econômico e demográfico. Assim surgiu o revolucionário modelo malthusiano de união conjugal na Inglaterra (séculos XVIII e XIX) na fase de ascensão do capitalismo (Araújo, 2002).

A temática sexual começou a despertar interesse de estudo na Era Vitoriana (junho de 1837 a janeiro de 1901), século XIX, período do romantismo, em que se uniam o amor carnal e o sublime; o ideal era a virtude. É quando surge o termo sexualidade, em decorrência do desenvolvimento do saber sexual e das manifestações verbais e escritas. Neste e no século XX, as reformas sociais e os estudos sobre o assunto geraram edições de muitos compêndios acerca do comportamento sexual. Inscreve no saber biológico da reprodução, então, uma medicina do sexo dirigida por regras diversas (Freire & Sousa, 2017; Gregersen, 1983; Lins, 2012).

Foucault sugere, quanto à história da sexualidade, a prevalência de duas grandes rupturas:

Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivia obrigatória do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido

atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado em grande parte, os tabus que pensavam sobre a sexualidade das crianças (Foucault, 1988, p. 109).

No final do século XIX, floresceram no Ocidente os debates sobre prostituição, uso de preservativos, divulgação de pornografias, fazendo da sexualidade uma questão social. O psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual (Hekma, 1995).

Henry Havelock Ellis (1859-1939), médico e psicólogo britânico, escritor e reformador social que estudou a sexualidade humana e Abert Moll (1862-1939), médico alemão, são considerados fundadores da sexologia, devido aos estudos sobre o tema (Hekma, 1995).

Abert Moll desvinculou, em sua obra *Untersuchungen über die Libido sexualis* (1897), a sexualidade da procriação, bem como estudou as perversões sexuais e a sexualidade e inspirou seu contemporâneo Freud na elaboração da teoria da sexualidade, quando sublinhou que as acusações de abuso sexual feitas às crianças precisavam ser revisadas, atribuindo haver sexualidade já na infância (Hekma, 1995).

Henry Havelock Ellis, por sua vez, conduziu um importante estudo transcultural sobre sexologia social, com o propósito de poupar as futuras gerações da ignorância sobre os fatos do sexo. O essencial no trabalho de Ellis foi mostrar que as pessoas são diferentes sexualmente e que as culturas, a depender da época, tiram proveito dessas diferenças. Para ele, “o sexo é claramente um imperativo fisiológico, mas a sociedade pode dominar sua expressão de maneiras incrivelmente poderosas” (Gregersen, 1983, p. 35). Enquanto tal estudo era desenvolvido, Freud estruturava sua teoria sobre a sexualidade em outra perspectiva, fazendo o discurso sobre sexo passar a ter significado e neutralidade científica (Gregersen, 1983).

Na década de 1950, a mulher tinha sua sexualidade controlada. Casar-se ainda era a principal meta de vida para a maioria das mulheres e sua reputação repousava na capacidade de resistir aos apelos sexuais dos rapazes. Em 1960, chega ao mercado a primeira pílula anticoncepcional, dissociando a atividade sexual dos fins procriativos, fazendo dos vinte anos subsequentes o período no qual o sexo foi celebrado como em nenhum outro (Lins, 2012).

A sexualidade, tanto para os homens quanto para as mulheres, foi marcada pela inibição da capacidade de sentir prazer sexual. Para as mulheres, a repressão e distorção da sexualidade atualmente ainda mostram vestígios, fazendo “muitas serem incapazes de se expressar sexualmente, muito menos atingir o orgasmo”. Os homens também tiveram a

sexualidade reprimida. Como a principal preocupação era não perder a ereção com o objetivo de ejacular, a mulher foi se adaptando ao comportamento imposto e nenhum chegava a usufruir completamente dos possíveis prazeres do sexo (Lins, 2012, p. 25).

Falar sobre sexo é uma necessidade, bem como falar publicamente, mesmo que não seja de maneira ordenada em função da demarcação entre o “correto” ou lícito e o “incorreto” ou ilícito, ficando ao orador o direito de preservar para si a distinção. Precisa-se falar sobre sexo e do sexo como algo que não se deve condenar ou tolerar, mas “gerir, inserir em sistemas de unidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga, apenas administra-se” (Foucault, 1988, p. 27).

Diante deste breve percurso, que teve como propósito rever um pouco da história da sexualidade humana ocidental, percebe-se uma lacuna no tocante ao contexto das pessoas idosas. Todavia, um levantamento de cunho teórico realizado por Oliveira (2019) menciona aspectos relevantes, que demonstram algumas representações sociais, e merecem ser destacados.

Segundo o autor, os primeiros registros oficiais que se referem às pessoas idosas datam do século I d.C, em um papiro egípcio, lembrando a elas tudo o que conheceram. No entanto, com a chegada aos 60 anos de idade, passam a ser privadas das vontades habituais e dos desejos sexuais. Refere a ascensão, consolidação e interferência da igreja, no século IV, por ocasião da Idade Média e os autores cristãos que usavam a velhice para moralizar e controlar as condutas das pessoas (Oliveira, 2019).

Aponta como a velhice era caracterizada nos escritos de São João Crisóstomo (349 – 407 d. C.), Arcebispo de Constantinopla, e de Santo Agostinho (354 – 430 d. C.), ambos ‘Doutores da Igreja’. Consideravam o homem (corpo) idoso associado ao pecado (comparando o mal e o pecado à velhice, caracterizado pela pele enrugada) e a beleza ao corpo jovem. Os velhos deviam ocultar os sentimentos; não tinham direito à diversão e o sexo era algo vergonhoso. Alguns homens se divorciavam de suas esposas, quando percebiam o aparecimento das rugas, alegando que a perda da beleza interferia na convivência do casal e na atração sexual (Oliveira, 2019).

Assim sendo, a presença dos mitos, preconceitos, depreciação da imagem e negação de direitos, relacionados com tal fase da vida parecem ter seus primórdios nas representações da velhice transmitidas ao longo da história, em especial a velhice feminina (Oliveira, 2019).

A velhice representa um processo interpretativo, em cada momento histórico, marcada por expectativas de ajustamento dos indivíduos quanto ao modo de desfrutar dos benefícios morais de uma velhice pós-sexual. O século XIX “postulava que um estilo de vida prudente

deveria procurar retardar o declínio, mas aceitá-lo era parte do exercício moral de ajustamento aos efeitos do processo de envelhecimento” (Debert & Brigeiro, 2012, p. 38)

Os autores seguem dizendo que a promessa de rejuvenescimento, nessa época, estava associada à restauração do vigor sexual por meio das porções e práticas clandestinas. Não obstante o avançar da ciência e a chegada ao século XXI, novas reflexões e iniciativas sociais se apresentam para resgatar a sexualidade na(s) velhice(s) (Debert & Brigeiro, 2012).

2.2 A sexualidade nas velhices

A velhice é uma fase cercada de peculiaridades e se diferencia pela forma como é sentida e vivida. Os sentimentos e as sensações não se perdem e o indivíduo não fica impedido de usufruir da vida de forma ativa e feliz, podendo exercer sua sexualidade até o final de sua jornada. No entanto é um período que requer atenção redobrada e implica na superação de adversidades naturais ou eventuais, para que ocorra amadurecimento nas diversas dimensões, além do caráter puramente cronológico (Souza, 2016).

A sexualidade é um dos aspectos fundamentais à vida, entre as múltiplas dimensões do ser humano. Está presente em todas as etapas do desenvolvimento, sofre influência da idade, da história pessoal, das condições biopsíquicas, socioculturais e espirituais, notadamente, das percepções, vivências e comportamentos pessoais (Crema, De Tilio, & Campos, 2017).

Sexualidade e sexo são contextuais, embora tenham significações diferentes. O termo sexualidade é usado de forma genérica, associado à prática sexual (sexo), até mesmo pelos profissionais de saúde (Gomes et al., 2018). No entanto sexualidade faz referência à amplitude de pensamentos, ideias e desejos que comportam manifestações físicas, psíquicas e espirituais em consonância com os códigos morais e socioculturais, que extrapolam o ato sexual, propriamente dito (Falcão, 2016). O referente ato é desdobrado em comportamentos, orientações, relações e identidades pessoais (Alencar, Marques, Leal, & Vieira, 2016).

Uma gama de configurações comportamentais envolve a sexualidade da pessoa idosa, incluindo o sexual, baseadas em princípios estabelecidos pela cultura e pela educação e introjetados, os quais influenciam suas vivências ao longo da vida. No entanto o senso comum tende a ver as pessoas idosas como assexuadas e destituídas da capacidade de sentir prazer (Dantas et al., 2017).

O exercício da sexualidade na(s) velhice(s), envolvendo ou não a prática sexual, adaptada ao ritmo de cada pessoa, precisa ser compreendido como uma atividade positiva (Alencar et al., 2016). Para qualquer pessoa, a vivência da sexualidade pode se manifestar de

maneira sutil, atravessando dimensões subjetivas, e encontrar lugar nos sentimentos e sensações, por meio de doação e cuidado, enaltecendo sentimentos, companheirismo e afetividade (Araújo, 2015). Quando mantida em um contínuo de satisfação e prazer ou acontecer em decorrência das descobertas ou redescobertas, diante das mudanças trazidas pelo tempo, não tem conotação de melhor ou pior, vai sendo ajustada, adaptada, como foi acontecendo ao longo das outras fases da vida (Alencar, Marques, Leal, & Vieira, 2014; Fleury & Abdo, 2018; Rozendo & Alves, 2015).

Nas velhices, dependendo de vigor, motivações, condições de saúde e estágio em que se encontre a pessoa, instaura-se uma reinvenção da vida (Debert & Brigeiro, 2012). Nessa fase pode haver uma reedição da sexualidade, deslocando sensações e manifestações sexuais da genitalidade para outras “zonas erógenas” do corpo, que ultrapassam limites e demarcações, transformando formas de prazer em expressões, como a troca de olhares ternos, o prazer em trocar carícias, o extasiar-se num sussurro carinhoso, a proximidade/intimidade do calor de abraços e beijos, dentre outras, como formas de sentir, numa reinvenção de amor, de afeto e de prazer (Alencar et al., 2016; Araújo, 2015).

A sociedade contemporânea vem modelando novos comportamentos e revendo posicionamentos para a manutenção da saúde e funcionalidade durante a velhice. O apoio social é um desses recursos e, assim, o envolvimento grupal é fator psicossocial importante na recuperação de confiança, satisfação com a vida, capacidade de enfrentamento dos problemas e resgate da autoestima. Nesses grupos afloram os sentimentos de ajuda mútua que restabelecem novos sentidos e significados para a vida (Andrade et al., 2014).

No entanto muitos fatores desmotivam os envoltimentos e as expressões afetivas entre idosos. Preconceitos, negação da sexualidade, medo de julgamentos descabidos ainda estão fortemente presentes no convívio social e são mais contundentes dentro da família (Oliveira et al., 2016). Ao idoso, então, costuma-se atribuir papéis como os de avô e avó, cuidador, dentre outros. Isso tem um reforço significativo quando o ambiente doméstico é compartilhado entre gerações e os mais jovens passam a decidir as necessidades afetivas/amorosas e/ou as sociais/recreativas dos pais ou parentes, por vezes, infantilizando-os (Araújo, 2015; Libarino, 2017).

Os preconceitos em torno da(s) velhice(s), em grande parte, estão associados à finitude, a ser uma fase de perdas, dependências, ressentimentos, solidão, sentimentos de inferioridade, confusão mental e dificuldades de adaptação (Araújo, 2015). Além disso, a valorização do corpo jovem, vigoroso, musculoso estabelece limites à sexualidade em termos de aceitação, podendo levar o grupo idoso a se sentir segregado (Oliveira & Vieira, 2018).

Os padrões de comportamento são imposições sociais. Na cultura de direitos, deveres e valores na longevidade, outro aspecto relevante que discrimina as pessoas na(s) velhice(s), é a aposentadoria, por estar associada à conclusão de uma etapa, o que muitas vezes faz o indivíduo imaginar que é menos útil, ou assim ser visto no convívio social (Libarino, 2017).

A construção da representação social da velhice não foi positiva, nem recebeu uma educação no âmbito da sexualidade. No entanto, ‘o idoso’ começa a ser notado, tem sido foco de atenção pela sociedade, devido ao aumento dos índices populacionais desse grupo (Uchôa et al., 2016).

Quanto às mulheres, marcadamente as idosas, muitas ainda são vistas como submissas, dependentes e fracas. Enquanto desfrutam da companhia dos seus companheiros, se os tiveram, pertencem a um *status*. Quando se deparam com a viuvez ou com outras situações de desamparo afetivo, perdem seu espaço anterior, tendendo a ficar sozinhas. Elas temem procurar novos parceiros, entregando-se, muitas vezes, ao silêncio, aos serviços dentro da família ou à doença (Souza et al., 2015).

Aceitar a sexualidade no envelhecimento e na(s) velhice(s) é fator importante para nutrir sentimentos saudáveis. As pessoas idosas, gradativamente, tomam consciência dos preconceitos que as cercam. No tocante à sexualidade, precisam rever suas antigas crenças, desmistificando mitos e tabus construídos no senso comum, buscando informações corretas à guisa de momentos de prazer e satisfação (Rozendo & Alves, 2015).

Apesar de a sexualidade ser considerada essencial para os seres humanos e um dos pilares para o envelhecimento ativo, na(s) velhice(s) há um declínio decorrente das perdas naturais e universais, independente do gênero e da orientação sexual (Debert & Brigeiro, 2012).

Nas questões relacionadas ao gênero, a negação e os preconceitos em relação à sexualidade e às atividades sexuais mostram-se duplamente marcadas quando ligadas às orientações homoafetivas. Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) sofrem os preconceitos da velhice e da orientação sexual. É temerária a escassez de investimentos em programas educativos e discussões sobre a temática de sexualidade e atividades sexuais por profissionais de saúde da rede pública e privada (Falcão, 2016).

Sendo assim, é fundamental investir em prevenção, orientação e educação para sexualidade e atividade sexual, nos contextos heterossexual e homossexual. Significa dizer que se deve falar sobre o assunto no intuito de prevenir infecções sexualmente transmissíveis (IST), a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida HIV/AIDS, dentre outras doenças e

garantir estratégias de saúde e de qualidade de vida (Alencar et al., 2014; Araújo et al., 2017; Maschio et al., 2011; Oliveira et al., 2016).

As formas de expressar a sexualidade, tanto para os homens quanto para as mulheres, são inúmeras. Com o avançar do envelhecimento e chegada da velhice, necessidades e desejos apresentam-se com características próprias, decorrentes das alterações naturais de cada sexo. Dentre as questões que podem dificultar profundamente a vida sexual e a sexualidade de uma pessoa idosa está a falta de conhecimento aliada às pressões socioculturais (Araújo & Zazula, 2015).

Homens e mulheres compartilham espaços e desempenham novos papéis, que influenciam as relações consigo e com os outros em sociedade. Em suas diferenças peculiares, vivenciam velhices bem demarcadas. O sexo feminino é especialmente estudado nessa fase pelas disfunções que se apresentam mais cedo, provocando uma avalanche de alterações e questionamentos em detrimento daquelas que ocorrem com o sexo masculino, mais pontuais e de aparecimento mais tardio. As mulheres ficam inquietas com a perda do corpo jovem e a presença das disfunções orgânicas, ao passo que homens tendem a destinar atenção para disfunção erétil (Guimarães, 2015).

Dentre as dificuldades encontradas pelas pessoas idosas, homens ou mulheres, de qualquer orientação sexual, para perceber sua rotina sexual e tratá-la como parte integrante do “contexto saúde”, está o questionamento precário e, às vezes inexistente por parte dos profissionais de saúde sobre a sexualidade durante os atendimentos clínicos, embora progressos já possam ser notados das últimas décadas (Munjack & Oziel, 1984).

Na velhice masculina em condições não patológicas surgem os problemas de ereção e a diminuição dos níveis de testosterona. Essas alterações podem ocorrer juntas ou isoladamente. Embora sejam codependentes, não têm uma idade definida para se apresentar e podem suscitar recursos terapêuticos específicos. Mesmo assim, costumam desencadear sintomas, como apatia, cansaço, aumento da gordura abdominal, diminuição da libido, disfunção erétil, dentre outros. Além disso, condições patológicas como a hipertrofia prostática benigna e o câncer de próstata refletem seriamente no físico e no emocional dos idosos, levando a modificações imprevisíveis na vida sexual (Dantas et al., 2017; Maschio et al., 2011; Tramontano & Russo, 2015).

A resposta sexual surge em decorrência de uma variedade de estímulos, podendo ocorrer padrões aproximados em ambos os sexos. No homem, a ereção se mostra desde cedo, após o nascimento. Nos jovens é desencadeada por vários estímulos, mas no idoso estes estímulos ocorrem de forma mais seletiva. A sequência da excitação no homem é: excitação

(desejo), lubrificação-intumescência e fase orgásmica. A fisiologia desse ciclo na velhice é mais lenta. As ereções demandam mais tempo e podem não ocorrer, até pouco antes da ejaculação, isso sem considerar aspectos subjetivos da vida e os envolvimento afetivos (Munjack & Oziel, 1984).

A excitação sexual masculina envolve emoções e motivações desencadeadas por fatores internos e externos, que vão consolidar a resposta sexual, por meio do *feedback* genital, aspecto imprescindível para manutenção da excitação sexual subjetiva (Fleury & Abdo, 2018).

Nas mulheres, a velhice é expressa por sinais e sintomas fisiológicos e psicológicos. O climatério (do grego “*Klimakterikus*” – período crítico), entre os 40 e 60 anos, marca o final da vida reprodutiva, com o desaparecimento dos ciclos menstruais e se caracteriza em peri, meno e pós-menopausa (Figueiredo & Frigo, 2014). Os sinais e sintomas são diversos. Os neurovegetativos, decorrentes da diminuição dos hormônios foliculares (principalmente o estrogênio, dentre outros), incluem: fogachos (ondas de calor), sudorese, insônia, cefaleia, vertigem, palpitação, mudanças na estrutura e no epitélio vaginal com diminuição da lubrificação vaginal e genital causando dispareunia (dor na relação sexual), incontinência urinária, dentre outros (Catapan et al., 2014; Guimarães, 2015; Neves & Dias, 2019).

A resposta sexual feminina envolve aspectos mais complexos, subjetivos, vivenciais, comportamentais e fisiológicos (zonas erógenas e ação de neurotransmissores no sistema nervoso central), sendo o *feedback* menos evidente e mais variável. Na mulher, a resposta sexual acontece em decorrência de desejo (sem comprometimento por hormônios), excitação (desencadeada por sentimentos subjetivos), lubrificação-tumescência (reação orgânica) orgasmo (contrações rítmicas dos músculos perivaginais e perineais que circulam a vagina), regulados pelas vias neurais (Munjack & Oziel, 1984).

As alterações hormonais, por si só, não afetam o interesse sexual das mulheres no período do climatério, porém a presença de alguma disfunção pode comprometer a libido e mudar o comportamento sexual, o que varia de mulher para mulher. Junto ao quadro fisiológico, podem ocorrer situações de caráter emocional (psicológico) relacionadas com o medo de sentir constrangimento durante as atividades sexuais e crenças negativas em relação à imagem corporal. Essas situações provocam diminuição ou abdicção dessa atividade, especialmente quando não existe um parceiro fixo, corroborando para a baixa autoestima, com conseqüente déficit na qualidade de vida (Catapan et al., 2014; Paiva & Frasson, 2014).

Cada ser é único e guarda valores, crenças, desejos e expectativas conectados a sua história. Daí decorre que algumas pessoas idosas se sentem amedrontadas diante das perdas

pelo processo de envelhecimento, das alterações hormonais e referem não sentir mais desejos, nem sentidos para viver. Outras veem a velhice como uma época de renovação e possibilidade, quando podem concretizar sonhos antigos ou se aventurar em novos projetos. (Fonseca et al., 2015).

Nesse sentido, o envelhecimento e as velhices são compreendidos como realidades heterogêneas. O interesse e a importância dada aos envolvimento amorosos ou à expressão de afetividade, à busca de satisfação pessoal, nessa fase, são um reflexo de toda a vida, de toda a história da pessoa, compondo os eventos normativos (biopsicossociais, culturais, históricos, econômicos, familiares, educacionais, ambientais) e não normativos (doenças crônicas, surtos epidêmicos, guerras) ao longo da vida (Falcão, 2016).

Estudos apontam o surgimento de novas possibilidades e habilidades nas velhices, especialmente quando idosos se envolvem em grupos para atividades sociais ou de lazer. Estas atividades resgatam valores pessoais e culturais; estimulam a realização de novos projetos ou antigos sonhos; proporcionam aceitação e suporte emocional que facilitam a investida numa parceria amorosa (se for desejada); ampliam o ciclo de amizades; avivam e enriquecem o convívio familiar (Andrade et al., 2014; Gomes et al., 2018; Ongaratto et al., 2016; Xavier et al., 2015).

Fatores como a autoestima, a autoconfiança, o rendimento físico e o sentimento de felicidade são alguns dos facilitadores do bem-estar e da saúde nas velhices. Esta percepção não se restringe à condição financeira ou ao desenvolvimento de um trabalho, mas contribui na busca de uma saúde integral, na realização de sonhos, na valorização de qualidades subjetivas, na aceitação de si mesmo, na satisfação das relações familiares, desejos e prazeres, na autonomia, na sexualidade, na paz e na espiritualidade (Portella, Scortegagna, Pichler, & Graeff, 2017; Oliveira et al., 2016).

Apesar de discursos e investimentos sociais relacionados à saúde, à motivação e de outras ações pertinentes à qualidade de vida nas velhices, nem todos nessa faixa de idade se encontram hígidos, saudáveis ou numa década que permita abraçar as prerrogativas do envelhecimento positivo. Todavia, chegar aos 60 anos é um evento marcante que gera reflexões por si só e, com toda bagagem reunida, desperta pensamentos mais maduros em relação ao momento. Na maioria das vezes, concorre para a aproximação da espiritualidade, por meio de religiões, crenças, cultos, entre outros, até para aqueles em que o tema foi negligenciado anteriormente. Estudos têm mostrado que esse acesso ajuda a cercar a finitude com um olhar mais ameno, a agregar valores orientando condutas morais e éticas (Neves, 2019).

3 OBJETIVOS E MÉTODO

3.1 Objetivos

3.1.1 Objetivo geral

- Compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva de pessoas idosas.

3.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer os significados e as atribuições dadas à sexualidade e à atividade sexual;
- Distinguir as vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta;
- Buscar compreender as experiências das pessoas idosas no exercício da sexualidade;
- Identificar preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas dos participantes.

3.2 Método

3.2.1 Natureza da pesquisa

O método utilizado nesta pesquisa foi qualitativo, em estudo transversal que permitiu explorar as percepções dentro de um grupo específico, em um processo social.

De acordo com Câmara (2013), este método de pesquisa fornece a base de dados para se chegar à compreensão das relações entre os protagonistas sociais e as situações. Minayo (2014, p. 57) salienta que o método qualitativo “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Para Deslandes, Gomes e Minayo (2008, p. 21), “Pesquisa qualitativa responde às questões muito particulares; ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Turato (2005, p. 509) especifica que o método em questão “tem o fim comum de criar um modelo de entendimento profundo de

ligações entre elementos, isto é, de falar de uma ordem que é invisível ao olhar comum, que quer entender como o objeto de estudo acontece ou se manifesta”.

3.2.2 Participantes

Participaram desta pesquisa sete pessoas, na faixa etária entre 60 a 75 anos, de ambos os sexos, para as quais foram utilizados nomes fictícios. A pesquisadora escolheu como cognomes, em substituição aos nomes originais dos participantes, nomes de cristais de quartzo, pedras preciosas e semipreciosas, com base em sua preferência pessoal.

A amostragem foi intencional ou proposital, pois foram procurados indivíduos que vivenciavam problemas idênticos, por estarem na mesma fase de vida (Turato, 2005). Os critérios de inclusão foram: ter entre 60 e 75 anos, levando em conta, 60 a 74 anos, idosos-jovens (considerados ativos e vigorosos) e 75 anos, idosos-velhos (no limite inferior da classificação que vai de 75 a 84 anos, mais propensos a fraqueza e enfermidades) (Papalia, Olds, & Feldman, 2006; Schneider & Irigaray 2008); ter participado do Cine/Debate Legalmente Pessoa Idosa, programa mensal que acontece na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, no Auditório G1 do Bloco G, que se constitui em espaço de discussões acerca da velhice, sendo a sexualidade um tema recorrente; estar em condições físicas de responder à entrevista e se dispor a participar da pesquisa voluntariamente. Não foram controlados religião, escolaridade, estado civil, condição socioeconômica e profissão. O quadro 1 traz alguns aspectos sociodemográficos dos participantes.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

Participantes Idade	Sexo	Estado civil	Filhos	Religião	Escolaridade	Renda em Sal.Mínimo	Lazer
Amazonita 75	F	Casada	3 (2H/1M)	Católica	Médio incompleto	4 S.M.	Costurar Ir à missa
Ametista 60	F	Viúva	Sem filhos	Católica	Superior completo	12 S.M.	Viajar Dançar
Citrino 67	M	Casado	3 (1H/2M)	Católica	Fundamental incompleto	2 S.M.	Jogar dominó Caminhar
Jaspe 63	M	Separado	2 (1H/1M)	Anglicana	Superior completo	8 S.M.	Viajar Cinema
Rubi 69	F	Solteira	4 (4H)	Católica	Médio completo	4 S.M.	Voluntariado Artesanato
Safira 63	F	Solteira	1 (1M)	Espírita	Superior completo	15 S.M.	Viajar Dançar
Turmalina 75	F	Divorciada	3 (3H)	Espírita	Superior completo	3 S.M.	Ler Caminhar

Legenda: H – homem M- mulher S.M. – salários mínimos

Fonte: Dados da pesquisadora.

3.2.3 Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada.

3.2.3.1 Questionário sociodemográfico

Esteve composto por 13 perguntas relativas a: nome, idade, sexo, escolaridade, estado civil, religião, com quem reside, trabalho, renda familiar, número de dependentes, problema de saúde, o que faz no tempo livre, participação em grupos de convivência para idosos (APÊNDICE A).

3.2.3.2 Roteiro de entrevista semiestruturada

Continha sete questões elaboradas pela pesquisadora, com foco nos objetivos da pesquisa, sobre as quais o participante discorria com liberdade de resposta (APÊNDICE B).

3.2.4 Procedimento de coleta dos dados

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP/PE-Plataforma Brasil, sob o CAAE nº 073228919.9.0000.5206 (ANEXO 1), iniciou-se a busca dos participantes para a coleta dos dados. Os participantes foram convidados pela pesquisadora durante a chegada ou a saída da sessão do Cine Legalmente Pessoa Idosa, a partir de uma breve conversa, explicando do que se tratava o convite. As pessoas que aceitaram participar foram informadas sobre: a finalidade da pesquisa, a gravação das entrevistas, o sigilo em relação aos dados coletados e a garantia do anonimato. Seguiu-se um agendamento para a realização da entrevista, em dia e horário acordados segundo a conveniência de ambos (pesquisadora e participante), na Clínica de Psicologia da UNICAP, Bloco C, 5º andar.

Cada participante foi recebido pela pesquisadora, respeitando o agendamento e direcionado até uma sala previamente reservada. A pessoa foi acomodada confortavelmente, foi questionada quanto à necessidade de informações complementares e seguiu-se a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO 2), para obtenção da assinatura nas duas vias do documento, uma ficando em poder do participante e outra com a

pesquisadora. Concluída esta etapa, deu-se início à entrevista, acionando o equipamento para gravação.

3.2.4.1 Questionário sociodemográfico

Foi o primeiro instrumento utilizado, após se estabelecer *rapport* no intuito de estabelecer um pacto de colaboração, enquanto eram coletadas as informações sociais do(a) participante, sem causar constrangimento.

3.2.4.2 Roteiro de entrevista semiestruturada

A entrevista foi realizada de forma semidirigida, buscando compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva da pessoa idosa. Por isso, considerou-se essencial conhecer os significados e as atribuições dadas à sexualidade e à atividade sexual; distinguir as vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta; buscar compreender as experiências das pessoas idosas no exercício da sexualidade e identificar preconceitos subjacentes à sexualidade.

3.2.5 Procedimento de análise dos dados

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo, que “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, ou seja, analisando o conteúdo da mensagem em seus significados, ou em seus significantes (Bardin, 2011, p. 44). Segundo a autora, a intenção da análise de conteúdo é tratar as mensagens de que se dispõe para inferir conhecimentos sobre o pesquisador ou sobre o ambiente de divulgação do seu trabalho.

Em pesquisa qualitativa, a Análise de Conteúdo é o formato mais usual de representar os dados, indo além de um procedimento técnico e abrangendo uma “histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais” (Minayo, 2014, p. 303).

Esta abordagem apresenta três etapas que foram obedecidas. Inicialmente foi feita a pré-análise (fase da organização) para escolha dos documentos que seriam analisados por meio de uma leitura flutuante, estabelecendo contato e conhecimento do conjunto da comunicação dos documentos e a escolha do material, objetivando o conhecimento e a

organização dos conteúdos. Seguiu-se a exploração do material (busca das categorizações) fase mais longa, à procura de compreensões do conjunto a ser interpretado, ao mesmo tempo em que se intenta reduzir textos em palavras com expressões significativas. Finalmente procedeu-se ao tratamento dos resultados (inferência e interpretação), momento que o analista propôs inferências e procedeu a suas interpretações, interligando com o quadro teórico que subsidiou a pesquisa ou abrindo novas perspectivas teóricas de interpretação (Bardin, 2011; Minayo, 2014).

Souza, Melo e Santiago (2010) sugerem a visualização do conjunto de etapas que fazem a composição da análise de conteúdo, no formato de quadro, com as intenções e ações a título de roteiro didático para o tratamento dos dados, mostrando ao pesquisador os entrelaçamentos a que está sujeito, conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2 - Análise de Conteúdo, roteiro didático

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa Pré-análise	<ul style="list-style-type: none"> Retomada do objeto e objetivos da pesquisa. Escolha inicial dos documentos. Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro – palavras-chave ou frases; e de unidades de contexto (se necessário). 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas. Constituição do corpus: seguir normas de validade: <ol style="list-style-type: none"> Exaustividade – dar conta do roteiro; Representatividade – dar conta do universo pretendido; Homogeneidade – coerência interna de temas técnicas e interlocutores; Pertinência – adequação ao objeto e objetivo do estudo.
2ª etapa Exploração do material	<ul style="list-style-type: none"> Referenciação dos índices e elaboração de indicadores - recortes de texto e categorizações. Preparação e exploração do material – alinhamento. 	<ul style="list-style-type: none"> Desmembramento do texto em unidades/categorias – inventários (isolamento dos elementos). Reagrupamento por categorias para análise posterior – classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos).
3ª etapa Tratamentos dos dados e interpretação	<ul style="list-style-type: none"> Interpretação dos dados brutos (falantes). Estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises. 	<ul style="list-style-type: none"> Inferência com uma abordagem variante/qualitativa, trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

Fonte: Souza et al. (2010, p. 35).

O autor assinala, como procedimento relevante, a elaboração dos indicadores, destacados em quadro, contendo o objetivo de estudo em destaque central, expressando de forma sintética o que se deseja investigar, a operacionalização e o processamento (Souza et al., 2010). Neste estudo, o elemento central foi compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva da pessoa idosa.

Quadro 3 – Indicadores para análise de conteúdo

INDICADORES	
Elemento central	<ul style="list-style-type: none"> • Trato com o conhecimento – compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva da pessoa idosa.
Operacionalização	<ul style="list-style-type: none"> • Análise das narrativas dos participantes (organização, sistematização e interpretação).
Categorias analíticas	<ul style="list-style-type: none"> • Significados e atribuições dadas à sexualidade e à prática sexual. • Vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta. • Exercício da sexualidade na(s) velhice(s). • Preconceitos subjacentes à sexualidade.
Categorias empíricas	<ul style="list-style-type: none"> • Organização, sistematização e interpretação de percepções e sentimentos dos participantes acerca da sexualidade.
Pontos de orientação para a investigação	<ul style="list-style-type: none"> • A sexualidade como direito natural de todos os indivíduos. • O exercício da sexualidade na velhice – questões gerais.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para Bardin (2011. p. 147), “a categorização é a operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação”, fazendo com que seja observado o que cada um tem em comum com o outro, estruturando o conjunto. O critério de categorização varia a depender do direcionamento e das adaptações à realidade que os dados oferecem. Assim, na medida em que a análise de conteúdo codifica seu material em categorias, vai ter como prioridade condensar de forma simplificada os dados brutos. Desta forma, minimiza desvios no material e possibilita conhecer índices, até então invisíveis. Com isso as categorias elegidas a partir de similaridades e diferenças presentes nos discursos dos participantes foram organizadas no Quadro 4:

A inferência, última etapa da Análise de Conteúdo, faz referência ao tratamento dos resultados obtidos e analisados para, assim, conseguir realizar as interpretações de acordo com a base teórica que sustenta e norteia o estudo. A Análise de Conteúdo “permite tornar replicável e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de conhecimento especializado e científico. Em comum, as definições ressaltam o processo de inferência” (Minayo, 2014, p. 303).

Quadro 4 - Categorias de Análise e Descritores

CATEGORIAS → Organizadas a partir das similaridades entre si	DESCRITORES → Interpretados a partir das narrativas dos participantes decorrentes das entrevistas, associados a cuidados com base na literatura pesquisada.
1. Significados e atribuições dadas à sexualidade e atividade sexual	<ul style="list-style-type: none"> • Sexualidade. Atividade sexual <p>Permitiu compreender o cenário conceitual que permeia a compreensão dos idosos pesquisados, quanto a suas percepções sobre sexualidade e atividade sexual, facilitando aproximações entre as narrativas e o referencial teórico pesquisado, pertinente a este grupo etário.</p>
2. Vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta	<ul style="list-style-type: none"> • Sexualidade. Iniciação sexual <p>Facilitou distinguir como a sexualidade foi vivenciada na juventude (jovem/adulto) e ter parâmetros na avaliação entre a continuidade, diminuição, supressão ou adaptação da sexualidade ou da atividade sexual, nestes idosos pesquisados na categoria seguinte.</p>
3. Exercício da sexualidade na(s) velhice(s)	<ul style="list-style-type: none"> • Sexualidade. Velhice(s) <p>Demonstrou as mudanças nas percepções sobre sexualidade e atividade sexual, bem como as estratégias escolhidas nesta fase (selecionadas e otimizadas) à guisa de compensação, com possibilidades a favorecer a qualidade de vida na(s) velhice(s) dos entrevistados.</p>
4. Preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas	<ul style="list-style-type: none"> • Sexualidade. Velhice(s). Preconceito <p>Revelou situações que puderam ser interpretadas como preconceituosas, apontadas ou imperceptíveis ao participante, sinalizando uma convergência com as referências teóricas e com o pensamento que ainda se impõe no meio social.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo apresentam-se a análise e a discussão dos dados obtidos por meio das narrativas dos participantes na pesquisa proposta.

A análise, como descrita no método, foi realizada em três etapas, sendo iniciada com uma leitura flutuante das entrevistas para estruturação da pesquisa, seguida da seleção dos conteúdos em concordância com os objetivos, o que possibilitou delimitar quatro categorias para discussão, conduzindo as interpretações dos resultados a partir das categorias definidas e as relacionando com a literatura.

Assim sendo, inicialmente, apresenta-se a descrição de características de cada participante, com seus respectivos cognomes, seguida dos resultados e da discussão estruturada segundo as categorias: significados e atribuições dadas à sexualidade e atividade sexual, vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta, exercício da sexualidade na(s) velhice(s) e preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas.

4.1. Descrição dos participantes

4.1.1 Amazonita

A participante tinha 75 anos de idade, declarou-se casada há 57 anos. Casou-se aos 17 anos de idade com o primeiro e único namorado. Sua escolaridade era Ensino Médio incompleto. Tinha três filhos (dois homens e uma mulher), sete netos (quatro do sexo masculino e três do sexo feminino) e dois bisnetos (homens). Era católica e tinha como atividades de lazer gostar de costurar e ir à missa. Morava em domicílio próprio com o marido. A renda familiar girava em torno de quatro salários mínimos. Quanto à saúde, declarou-se diabética e hipertensa, com função cognitiva e motora preservada, completa autonomia e independência, com capacidade de fazer todos os serviços da casa.

Segundo a participante, nos momentos de tensão dentro da família, ela é a restauradora da paz, apaziguando os ânimos de todos: “... *tenho que ser calma e forte, segurar a barra*”. O filho mais velho é sua grande preocupação, devido ao fato de estar separado, sem emprego, ter voltado a viver e depender financeiramente dos pais aos 53 anos de idade e ter obesidade mórbida.

Comentou sentir o atual distanciamento afetivo entre ela e o marido. Quando convidada a participar da pesquisa, mostrou-se receptiva, não se afastou da temática e foi respondendo à entrevista com naturalidade e presteza.

Amazonita é o nome de um cristal de rocha ao qual são atribuídas propriedades ligadas à saúde física e calma à alma, usada para amenizar a ansiedade; regular os batimentos cardíacos; tranquilizar o organismo; equilibrar a pressão arterial e os níveis de glicose do sangue, dentre outros benefícios. Tem coloração tipicamente verde-azulada. É a pedra sagrada dos índios da Amazônia, constituída por silicato de alumínio e níveis variados de outros metais. Tem grau de dureza 6 a 6,5 na escala Mohs e é encontrada no Brasil, Estados Unidos, Índia, Namíbia e Madagascar (Aarão, 2015; Teixeira, 2020a).

4.1.2 *Ametista*

A participante tinha 60 anos de idade, estava viúva havia seis anos após um casamento de 32 anos, sem filhos. Declarava religião católica. Era comunicativa, bem-humorada; ensinava, estudava e trabalhava na área da saúde. Como lazer, gostava de dançar, viajar, ir ao cinema e participar de um grupo de convivência formado por algumas amigas. Morava sozinha em domicílio próprio. Sua renda estava em torno de 10 a 12 salários mínimos. Gozava de boa saúde física, mental e tinha completa autonomia e independência.

Tinha relacionamento amoroso, bem como se considerava sensual. Gostava muito de sexo. Mantinha bom relacionamento e convívio familiar, especialmente com suas duas irmãs e seu irmão, além de seus pais idosos, dos quais ainda ajuda a cuidar. Foi solícita ao convite para participar e respondeu à entrevista de forma bem-humorada e direta.

O cristal de Ametista, para os especialistas, é a pedra da cura, da transformação, dentre outros predicados. Indicada para professores e escritores, pois promove pureza, clareza de pensamento, compreensão e comunicabilidade. É um quartzo violeta transparente, variando do vermelho claro ao roxo, composto quimicamente por dióxido de silício, com grau de dureza 7 na escala Mohs. É encontrada no Brasil, Madagascar, Uruguai e Montes Urais (Bravo, 1998; Hofmann, 1998).

4.1.3 *Citrino*

Esse participante tinha 67 anos de idade, estava casado há 47 anos. Tinha três filhos (um homem e duas mulheres) e três netas (uma criada por ele até se casar). Sua escolaridade

era Ensino Fundamental incompleto. Declarou-se católico não praticante Seu lazer era jogar dominó, caminhar e andar de bicicleta. Morava em domicílio próprio e a renda familiar era em torno de dois salários mínimos. Quanto à saúde, declarou-se hipertenso, com insônia crônica há muitos anos. Gozava de boa cognição; fazia caminhadas diárias e ajudava sua esposa nos serviços da casa com completa autonomia e independência.

Referia-se a sua esposa como “*uma grande companheira*”. Contou que se conheceram muito jovens, logo se casaram e ainda mantêm uma atividade sexual prazerosa. Sentia-se satisfeito e gratificado pelos anos de vida e pela família que formou e viu crescer. Considerou-se preparado para morrer com serenidade, pois sua tarefa foi cumprida. Aceitou o convite com facilidade, respondeu à entrevista de forma direta, demonstrando calma e segurança.

Ao quartzos de nome Citrino são atribuídas a palavra ternura e propriedades estimulantes ao corpo físico, bem como a capacidade de emanar energia positiva semelhante à luz do sol. O Citrino apresenta variações de tons do dourado ao marrom, é composto por dióxido de silício com grau de dureza 7 na escala Mohs. É encontrado no Brasil, Espanha, Grã-Bretanha e Madagascar (Hofmann, 1998).

4.1.4 *Jaspe*

Este participante tinha 63 anos de idade. Estava separado da esposa com quem tivera dois filhos (um homem e uma mulher). Tinha graduação universitária; trabalhava e era membro da igreja Episcopal. Seu lazer era ir ao cinema e viajar.

Viveu na Alemanha por cinco anos onde se casou com uma alemã. Na Alemanha, disse ter passado por dificuldades com o idioma, a cultura e com o regime de trabalho, numa cidade do interior. Vieram para o Brasil e, após 14 anos juntos, optaram pela separação. Ela voltou para Alemanha com a filha e ele ficou com o filho adolescente, seu dependente financeiro, com quem mora no Brasil. Tinha renda familiar em torno de oito salários mínimos.

Procurava se engajar nos grupos de convivência para pessoas idosas, buscando informações, aprendizado e parcerias amorosas sem compromisso fixo. Após o convite, aceitou participar da pesquisa, por ter obtido respostas a alguns questionamentos que o deixaram mais tranquilo. Foi agendado um encontro anterior para responder algumas dúvidas e garantir sua participação. No dia da entrevista, mostrou-se ansioso no início, mas se acalmou e atendeu ao que estava sendo perguntado com prontidão.

O Jaspe, segundo os estudiosos, é a pedra da vontade, promove ligação com a Terra e fortalece a vontade de fazer o bem, de servir, desenvolvendo laços entre corpo e mente. É formada por um agregado granular de quartzo, apresentando-se em vermelho, marrom, amarelo e verde, dentre outros tons. Varia de cores únicas a listradas. É composto quimicamente por dióxido de silício, com grau de dureza 6,5 a 7 na escala Mohs. É encontrado no Brasil, França, África, Alemanha, Estados Unidos, Madagascar, Uruguai, Venezuela e Montes Urais (Hofmann, 1998; Teixeira, 2020b).

4.1.5 Rubi

Esta participante tinha 69 anos de idade; declarava-se solteira. Tinha quatro filhos, (três de um relacionamento que durou 15 anos e um filho do relacionamento seguinte que durou quatro anos). A escolaridade era Ensino Médio completo. Considerava-se cristã, sem religião definida. Seu lazer eram o voluntariado e o artesanato. Participava de grupos de convivência para pessoas idosas. Morava sozinha e mantinha-se com renda de quatro salários mínimos, sem dependentes financeiros.

Quanto à saúde, era diabética, tinha função cognitiva preservada; gozava de completa autonomia e independência; fazia todos os serviços da casa e procurava se manter ativa e informada. Classificou-se como sexualmente ativa, pensando em sexo como algo que foi e continua sendo muito prazeroso em sua vida: “*Como não pensar em sexo, se está presente, pulsando no meu corpo*”.

Mostrou-se satisfeita com o convite para participar da pesquisa e foi criativa, bem-humorada, envolvida e animada com o tema. Em sua narrativa expressou: “*Agradeço a oportunidade de falar sobre esse assunto*” que, ‘segundo ela’, não recebe a importância devida.

O Rubi é a pedra do amor por si e pelos semelhantes. Uma das pedras preciosas mais valiosas desde a Antiguidade, apreciada pela realeza, confere potenciais de proteção, coragem, impetuosidade, vontade de viver e sexualidade. É uma pedra de cor vermelho profundo, composta por óxido de alumínio, com grau de dureza 9 na escala Mohs. É encontrada na Birmânia, Austrália, África, Sri Lanka, Estados Unidos, Tansânia (Bravo, 1998; Hofmann, 1998; Nascimento, 2006).

4.1.6 Safira

A participante tinha 63 anos de idade, era solteira e tinha uma filha. Tem grau de instrução em nível superior. Declarou ser espírita. Seu lazer consiste em dançar, viajar e participar de grupos de convivência para pessoas idosas. Mora com a filha; tem renda de 15 salários mínimos e ajuda financeiramente a mãe, que é idosa e doente.

Contou que engravidou paralelamente ao término de um relacionamento de 10 anos e sofreu alienação parental durante toda a criação da filha, precisando recorrer à Justiça para sua proteção. Estava aposentada, mas estudava, era dinâmica, autônoma, independente e alegre. Já teve alguns envoltimentos amorosos passageiros, mas espera por um companheiro. Aceitou o convite para participar da pesquisa de imediato e pareceu muito satisfeita.

A Safira é a pedra que representa a fé, para os estudiosos da mineralogia. Usada pelos místicos para tratar as doenças mentais, mas sua proteção auxilia todas as pessoas, quer por sua beleza e profundidade, quer por possibilitar transformação interior; incitar a fé; reforçar a missão de vida; harmonizar com o divino e ajudar a aceitar os desafios da vida. A Safira é composta quimicamente por óxido de alumínio, com grau de dureza 9 na escala Mohs. É encontrada na América do Norte, Austrália, Birmânia, Índia, Sião, Sri Lanka (Bravo, 1998; Hofmann, 1998).

4.1.7 Turmalina

A participante tinha 75 anos de idade e estava divorciada. Tinha três filhos, quatro netos (um homem e três mulheres). A escolaridade era nível superior e declarou-se espírita. Estava aposentada. Tinha como atividades de lazer ler, caminhar e participar de grupos de convivência para pessoas idosas. Morava sozinha, em domicílio próprio. Tinha renda de três salários mínimos, sem dependentes financeiros.

Considerou gozar de boa saúde, tendo total autonomia e independência sobre sua vida. Estudava, desenvolvia atividades intelectuais, era formadora de opinião e se mostrava extremamente ativa e bem informada. Aderiu facilmente ao convite e narrou suas histórias com muita serenidade em resposta às perguntas.

À Turmalina negra (Turmalina) é atribuído favorecer clareza de pensamento, equilíbrio mental e físico, espiritualidade, energia, alegria de viver, inspiração e autoconfiança. Segundo os estudiosos, é uma pedra de proteção energética; ativa a imunidade; traz disposição e energia voltadas para a produção e conclusão dos projetos. É composta por

silicato de boro e alumínio, com grau de dureza 7 a 7,5 na escala Mohs. É encontrada no Brasil, África do Sul, Estados Unidos, Madagascar, Tanzânia, Alpes de Zillertal (Tirol-Áustria) e Montes Urais (Hofmann, 1998; Teixeira, 2020c).

4.2 Resultados e Discussão das entrevistas

As informações obtidas a partir das entrevistas, ordenadas em categorias, buscam responder aos objetivos deste estudo. A Análise dos Conteúdos, à luz dos pressupostos da perspectiva *Lifespan* e da Teoria SOC, buscou observar as estratégias utilizadas no percurso da sexualidade ao longo da vida. Assim sendo, os significados e as atribuições dadas à sexualidade e às atividades sexuais recebem novas percepções; sofrem influência das vivências das fases anteriores; adequam-se às mudanças inevitáveis por ocasião da velhice e consolidam-se no contexto social de cada indivíduo, que guarda as verdades ou orientações transmitidas pela ciência, além das inverdades decorrentes de mitos e preconceitos transmitidos culturalmente.

4.2.1 Significados e atribuições dadas à sexualidade e à atividade sexual

A sexualidade é um aspecto essencial para todos os seres humanos e sua manifestação é um ato natural, conforme Gomes et al. (2018). Nesse aspecto, Araújo (2015) reconhece e reforça que, na velhice, a sexualidade é importante para dar motivação à vida, permitindo intimidades e trocas prazerosas com o outro.

Nos discursos de todos os participantes, ficou evidente que, no atual curso de vida, a sexualidade tem se mantido presente, envolvendo expressões e sentimentos intrínsecos do ser humano, que não estão fixados pela idade. Manifestam-se de forma singular e não se limitam puramente à genitalidade, corroborando com Araújo (2015) e Rozendo e Alves (2015).

No que diz respeito às estratégias utilizadas para gerenciar limites e potencialidades, com vistas a maximizar ganhos (resultados desejados) e minimizar perdas (resultados indesejáveis) em relação à sexualidade, as influências normativas graduadas pela idade ficaram marcadas pela plasticidade ao lidar com situações novas, assim como pelos mecanismos selecionados e otimizados em busca de compensação (Baltes et al., 1980; Freire, et al., 2012; Lima & Coelho, 2011).

Na narrativa de Amazonita, observaram-se expressões que atribuíam ser a atividade sexual especialmente importante para os jovens: “... o sexo, especialmente para o jovem, é necessário, é uma coisa prazerosa, muito boa”.

No entanto, quando se refere ao seu momento de vida em um casamento de 57 anos, demonstrou ter dilatado sua percepção sobre sexualidade, não mais fixada no ato sexual. Entendeu o desejo, a troca de afeto, os gestos de carinho e companheirismo como um contingente de contentamento, capaz de produzir uma compensação na ausência da atividade sexual, corroborando com Alencar et al. (2016) e Lima e Coelho (2011), como descrito a seguir:

“... meu marido foi meu primeiro namorado, me casei com 17 anos e estamos juntos há 57 anos... hoje, eu queria que ele, já que não tem mais ereção, me fizesse um carinho, um cheiro, um abraço, um agrado... hoje ele é arisco” (Amazonita, 75 anos).

Segundo Alencar et al. (2016), para muitos idosos a expressão da sexualidade se fundamenta na genitalidade tendo como significado a atividade sexual, a exemplo de Citrino: “...o sexo é um dos prazeres que o ser humano tem na vida... quando se perde, muda tudo... é a mesma coisa, quando fica velho”

Nas narrativas de Jaspe, Rubi e Turmalina, o sexo está ligado à esfera fisiológica, predicado dos animais, aquém da sexualidade, embora faça parte dela:

“... é um bem-estar, uma fisiologia... é como evacuar, urinar, caminhar na praia... nós somos animais... a prática é o ato carnal, uma coisa só mecânica” (Jaspe, 63 anos).

“... o ato sexual em si é muito banal pra mim, pode fazer o sexo por fazer” (Rubi, 69 anos).

“... um atributo dos seres animais racionais e irracionais... o pavão fica bonito para atrair a fêmea, os leões brigam pelas leoas, essa coisa de conquista do ser humano, mexendo com toda manifestação do sexo mesmo” (Turmalina, 75 anos).

Na velhice, a sexualidade tende a adquirir amplitude de percepção, ultrapassando a corporeidade, como argumentam Oliveira e Vieira (2018). Para Capodiecì (2000), o sexo tem um forte componente emocional nos longevos e a qualidade de vida tem relação com o bem-

estar percebido; envolve a comunicação e o aprendizado, possibilitando novas experiências carregadas de sensibilidade e criatividade. Gomes et al. (2018) corroboram e acrescentam que a sexualidade se expressa afetivamente e, estando presente o desejo sexual, com o avançar da idade, favorece o desenvolvimento de novas linguagens e manifestações. Já para Seixas (1998), possibilita redescoberta das emoções, do romantismo, expressando alegria por estar vivo.

Os significados e atribuições acerca da sexualidade impregnados nos discursos de Ametista, Jaspe, Rubi, Safira e Turmalina, demonstram emoção, redescoberta, afetividade e alegria, não descartando o desejo, como pode-se ler a seguir:

“... sexualidade pode ser carinho, companheirismo, troca, amizade e carícias, também... não tinha concepção entre sexualidade e sexo... O sexo vinha muito misturado com a sexualidade e não sabia definir... Hoje estar junto pode ser, extremamente interessante, um ato de sexualidade maravilhosa e não obrigatoriamente uma relação sexual... A sexualidade contempla todos esses aspectos que podem ter uma ligação direta ou não com o sexo” (Ametista, 60 anos).

“... a sexualidade eu percebo hoje, como uma percepção mais sensorial, uma coisa divina, uma coisa saborosa, um bem-estar, uma coisa ótima... o olhar, a boa vontade, o prazer, o preâmbulo, entendeu... esse ato clínico e ao que isso pode chegar” (Jaspe, 63 anos).

“... sexualidade é uma coisa que está em você... Dizem que com o tempo, tudo é que nem arroz com feijão... Não é assim, cada vez tinha que ser mais bonito, porque você conhece mais a pessoa, né... tinha que se tratar mais de um ato de amor... Se eu tivesse um companheiro, eu tenho certeza que seria esta mesma mulher de vinte e poucos anos... A gente não tem mais aquela potência, mas tem que ter uma coisa de encantamento... e vai do perfume, uma roupa linda” (Rubi, 69 anos).

“... sexualidade é carinho, trocas, afeto... Não muda nada com a idade, agora precisa ser com a pessoa certa... Hoje, nem sempre o objetivo é a prática sexual, precisa do carinho. É diferente, algumas pessoas confundem... precisa que tenha o desejo de ambas as partes e o ato de penetração é uma coisa que poderá ou não acontecer” (Safira, 63 anos).

“... o enamorar-se, já é uma expressão... Quando ouve a voz da criatura o coração dispara, mexendo com todo o sentimento e com toda manifestação do sexo... se aplica às pessoas, dependendo de como viveram... Pode acontecer que as pessoas se amem, se gostem, etc. e tal... muitos casais viveram uma coisa mecanicamente, pra casar, ter filho, fazer sexo” (Turmalina, 75 anos).

Os discursos dos dois participantes do sexo masculino, em relação à sexualidade e à atividade sexual, sugerem diferenças marcantes que vale salientar. Citrino aponta o sexo sem distinção da sexualidade, atribuindo-lhe poder de mudar a vida, caso deixe de existir: *“... quando se perde, muda tudo”*. Nesse sentido, Gomes et al. (2018) assinalam que são termos que se sobrepõem na sociedade. Por vezes são ignorados e em outras vezes são pouco discutidos. Uchôa et al. (2016) acrescentam que a principal fonte de informações sobre vida sexual/sexualidade dos idosos de hoje, na maioria das vezes, provém dos amigos ou da prática pessoal.

Nesse cenário, Jaspe estabelece diferença entre a prática/atividade: *“... a prática é o ato carnal, uma coisa só mecânica”* e a sexualidade *“... uma percepção mais sensorial, uma coisa divina... um bem-estar”*. A esse respeito, Cunha et al. (2019) entendem que, no domínio da sexualidade entre as pessoas idosas, a valorização do sentimento e da cumplicidade é maior que a atividade sexual.

No contexto das participantes do sexo feminino, todos os discursos nominaram uma desobrigação do ato sexual para a vivência da sexualidade, demonstrando a extensão dos significados, ainda que Amazonita não fale ou evidencie ter noção dessa mudança de maneira explícita: *“Hoje, eu queria que ele, já que não tem mais ereção, me fizesse um carinho”*. Nesse seguimento, Hoffmeister, Carvalho e Marin (2019) ponderam sobre a aproximação e o sentimento que define a vivência do ‘amor companheiro’, que se apresenta compartilhando emoções, segredos, fraquezas e esperanças.

4.2.2 Vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta

As narrativas contidas nesta categoria reúnem as histórias pessoais e singulares experienciadas pelos participantes no campo da sexualidade e da atividade sexual na juventude e na vida adulta, as quais formaram o conjunto de diversidade para escolhas futuras no exercício da sexualidade em decorrência da velhice.

Conforme Baltes (1987), Baltes e Dickson (2001) e Schulz e Heckhausen (1996), as competências selecionadas para direcionar as escolhas, no momento adequado, acontecem entre a diversidade disponível, a partir do que foi vivenciado e introjetado por parte dos indivíduos, a qual servirá de base na ‘Seleção’. Os recursos que buscam melhorar ou mudar atitudes serão alocados (Otimização) para sustentar respostas positivas (Compensação), em vista das perdas biológicas e/ou sociais esperadas ou não, assim como a eventos estressantes ou frustrantes da vida, corroborando com Freire et al. (2012).

O grupo pesquisado pertence à geração *Baby Boomers*, que são as pessoas nascidas entre as décadas de 1950 e 1960, no disposto por Oliveira (2017), quando refere que estas pessoas viveram as fases jovem e adulta cercadas por novas propostas de valores, comportamentos, relacionamentos, manifestações e movimentações culturais e políticas. Sobre isto, Groppo (2017) corrobora e complementa dizendo que o processo de socialização está ligado aos padrões sociais estabelecidos à época em que se vive.

A este respeito, uma pesquisa de Hoffmeister et al., (2019) sobre as percepções de amor nas fases de adolescência, vida adulta e velhice mostrou que: o amor na adolescência é uma paixão intensa e passageira, movido pela busca de experiências novas, envolvendo muitas mudanças. Na vida adulta, entretanto, surgem padrões de aprendizado que envolvem confiança e amadurecimento, o amor parece mais intenso e responsável com o outro; na velhice o amor irrompe como a maior prova. O sentimento não muda, mas muda a forma de fazer que se expressa na solidez do sentir.

As histórias relativas às vivências pregressas dos participantes mostraram contextos distintos, com aproximações e distanciamentos que permitiram sinalizar a diversidade de valores implícitos na sociedade em que as experienciaram, conforme os padrões de relacionamento e comportamento individuais.

As narrativas de Amazonita e Citrino, no tocante às atividades sexuais, na vida matrimonial de ambos, apontam similaridades e distanciamentos, em termos de gênero. No cenário de Amazonita, as atividades sexuais, ainda que ‘prazerosas’, remetem ao contexto social da mulher ‘para servir’, seja no cuidado da casa, seja com os filhos e, especialmente, ‘na mulher que não se nega sexualmente’ ao marido, o qual busca sua ‘satisfação’ sem ponderar a eventual necessidade de descanso da mulher para enfrentar a lida diária, no dia seguinte. Este quadro revela o destino da mulher da época, segundo Beauvoir (2016, p. 187), quando menciona que entre as funções que a sociedade impõe à mulher, além de tomar conta do lar, é satisfazer às necessidades sexuais do homem, como um “serviço prestado ao esposo”.

Tal como ocorreu com Amazonita, o matrimônio trouxe para Citrino a liberdade sexual. Mostrou-se como uma atividade expressiva, que trilhou a fidelidade, e tida como ‘normal’ a procura de satisfação ‘dele como esposo’ quando manteve a ‘rotina sexual diária’. Beauvoir (2016, p. 189) alega que os rapazes buscam, por meio do casamento, “uma expansão, uma confirmação de sua existência... é para eles um modo de vida apenas, não um destino”, a exemplo das narrativas a seguir:

“... foi muito bom, prazeroso mesmo, tudo presente, sempre normal... Quando a gente era novo, o sexo era uma coisa, mais pra mais do que pra menos... A gente fazia sexo, às vezes três vezes numa noite... Ele acordava e me acordava... Às vezes, eu achava ruim, porque com criança pequena, cansada, tinha que acordar cedo, mas eu não negava, aceitava e foi muito bom” (Amazonita, 75 anos).

“... foi uma atividade boa, se não tiver isso na juventude, não tem nada... Quando comecei a namorar minha esposa, a gente era muito novo e quis me casar rápido pra ter nossa liberdade e eu respeitava minha mulher, não era homem de tá procurando mulher fora... mais novo, lá pelos 30 anos, a gente fazia muito sexo, era todo dia... Com 36 anos tive um problema circulatório, fiquei sem ereção tive que fazer uma cirurgia e fiquei bom... as coisas voltaram ao normal” (Citrino, 67 anos).

Beauvoir (2016) menciona as efusivas fantasias românticas das jovens, misturadas com as perspectivas de felicidade nos braços do seu amado em devaneios eróticos, no que Pereira (2013) argumenta dizendo que a sexualidade é o resultado de uma produção em diferentes cenários (históricos, individuais e sociais), na busca do prazer e da satisfação, como mostrou a narrativa de Ametista em relação aos devaneios românticos de sua juventude, expressos a seguir:

“... quando eu era jovem, era ligeiramente destemperada... Minha sexualidade era à flor da pele tinha muita fantasia romântica em relação a tudo... Um olhar, podia ser um ato de sexualidade, uma conversa, um perfume” (Ametista, 60 anos).

As histórias narradas por Jaspe, em relação à iniciação sexual, referendaram os valores sociais da época. A afirmação da masculinidade dos rapazes diante da família ocorria ‘contraindo doenças venéreas’ (IST), pois eram autorizados pelos pais, aos 14 anos, a

frequentar bordéis e iniciar a vida sexual. As moças deveriam ser conduzidas ao altar, sujeitas aos maridos e por eles iniciadas, como sugere ao mencionar a sua irmã, caracterizando a desigualdade de gênero herdada ao longo da história, corroborando com Beauvoir (2016) como se lê a seguir:

“... na juventude, vem de tudo... Na adolescência foi tudo em cima de uma criação paternalista, eu só via a experiência carnal, o orgasmo egoísta... Comecei, através de conhecimentos a frequentar bairros suburbanos, mas meu pai me autorizou... O homem era feito pra ir pra rua com 14 anos, minha irmã não podia ir pra rua... Nesta fase de 14 anos, eu pagava pra obter um orgasmo em oito minutos... Eu comprava sexo ou então me masturbava... Peguei blenorragia com moças que trabalhavam nas casas. Quem me levou no médico foi minha mãe... O discernimento sobre sexualidade começou com 30 anos, antes era só o contato carnal... Aí, com 35 anos fui para Alemanha, no intuito de pegar o visto e sofri um grande impacto... Passei lá cinco anos, me casei, com uma cidadã europeia, mas não houve um amadurecimento na transição entre a minha cultura e a dela... Voltei para o Brasil, aqui vivemos 14 anos, tivemos dois filhos. Com a separação, ela voltou para Alemanha com a filha e eu fiquei com o filho” (Jaspe, 63 anos).

Araújo (2002) aponta as mudanças de valores e comportamentos sociais reproduzindo os pensamentos de Foucault (1988), quando afirmou que no século XX houve um afrouxamento do mecanismo da repressão sexual (relativa tolerância às relações pré-nupciais ou extraconjugais e desqualificação dos perversos), iniciado no século XVIII. Neste sentido, os conteúdos descritos por Rubi e Safira revelam o início destas mudanças de comportamento, mostrando jovens que já iam demarcando novos comportamentos sociais. Rubi e Safira iniciaram sua vida sexual fora do casamento, foram mães, mantiveram atividade sexual e vivenciaram sua sexualidade de formas singulares, como descrito a seguir:

“... as primeiras sensações, acho que não vivi, eu sonhei... Meu pai tinha uma chácara, eu fui com umas amigas e ele perguntou se nós queríamos andar a cavalo e nós fomos... Eu tinha uns 17 anos, sem querer apertei a barriga do cavalo, ele disparou... Aí comecei a sentir um orgasmo, que vim saber que era orgasmo depois, pensava que ia cair... Foi a primeira sensação de orgasmo que eu tive e foi uma experiência boa pra mim... É a melhor sensação que existe, até o solitário, nunca

imaginei, nem contei pra ninguém... Quando tinha um namorado, botava uma roupa mais provocante, só pra ver os olhos do cara, aqui... eu era de uma família de princípios, conservadora 'Deus me livre!' falar nem sobre menstruação... As minhas primeiras informações, foram horríveis, quando minha mãe pegou minha calcinha suja, dentro da pia de lavar roupa... Tudo que eu aprendi na vida foi lendo e praticando... Dizem que a gente sente dor na primeira vez, mas não senti, foi maravilhoso, foi muito bom mesmo... Eu tinha dezoito anos... Era assanhadinha, minha mãe que me perdoe, mas foi dentro de casa, ela se deitava pra dormir, a gente se aproveitava mesmo, mas foi muito bom mesmo” (Rubi, 69 anos).

“... na fase jovem foi com muito receio de engravidar, mas eu me prevenia e na fase mais adulta eu evitava, já estava com meu companheiro há quase 10 anos, aí quando acabou eu estava grávida e não sabia... A minha desilusão maior foi nove semanas depois, fui fazer exames e descobri a gravidez, quando contei, ele disse que não era dele... Depois foi falar comigo, dando parabéns, mas atividade sexual nada, era como se estivesse me evitando... Quando a menina nasceu, disse que não ia registrar, mas assumiu... e a alienação parental dele pra mim foi durante toda uma existência... Cheguei a ir para Justiça para proibir ele de entrar no prédio... Depois tive um namorado, que era uma maravilha, mas descobri que estava namorando também com a vizinha... Um outro eu acabei porque me enganou por mais de cinco anos, dizendo que era divorciado, inclusive eu frequentava a casa da mãe dele” (Safira, 63 anos).

Para Beauvoir (2016), a sociedade tradicionalmente só via o destino da mulher relacionado ao casamento, contudo a evolução econômica veio tornando as obrigações do casal pessoais e recíprocas. A mulher foi ao longo dos anos perdendo sua função apenas de reprodutora e descobriu o quanto poderia ser mais útil por meio do trabalho. A autora menciona que o amor carnal, despertado no início das núpcias, não costuma suportar o cotidiano, quando entre os indivíduos não há as mesmas aspirações e interesses, transformando a atração em indiferença e hostilidade.

Fazendo uma ponte destas colocações com as vivências narradas por Turmalina, distinguiu-se o erotismo natural e latente de uma jovem ingênua, romântica e criativa, desabrochando no adulto emancipado, apto a exercitar-se na escolha amorosa que a vida lhe proporcionou. Apesar de ter sido ‘legal’ no início, não conseguiu perdurar, face às posturas individuais e ‘machistas’ do marido, como se pode ler a seguir:

“... eu fui muito retardada, nesta coisa de namoro... Fui muito de escrever cartas para os namorados das minhas colegas de ginásio, e para as namoradas dos meus amigos... Lá em casa tinha um cachorro cinza escuro com manchas pretas, que se chamava ‘Terror’ e meu pai tinha a fama de bravo. Minha prima, que morava lá em casa, chorava dizendo, além do Terror ser bravo, o tio ‘N’ também, e questionava, quando é que a gente vai conseguir arranjar namorado... era fantástico... Já adulta, quando fui morar em outra cidade, eu conheci a pessoa com quem me casei, aquela coisa de olhar, gostar... ele sozinho, eu também, aí a gente casou... A sexualidade no casamento no começo era legal, depois foi perdendo o interesse, porque ele não era amigo, nem companheiro, era um oportunista, machista, não durou 14 anos de casamento” (Turmalina, 75 anos).

4.2.3 Exercício da sexualidade na(s) velhice(s):

Nesta categoria, buscou-se nas narrativas dos participantes compreender as experiências das pessoas idosas no exercício da sexualidade. Para Alencar et al. (2016), tendo em vista a perspectiva de a sexualidade ser uma dimensão inerente aos seres humanos, ela tem como ponto de partida o modo particular de se comunicar, sentir e se expressar no mundo. Dantas et al. (2017) corroboram e complementam que, para compreender esta sexualidade, é preciso considerar que o comportamento sexual sofre influência de preceitos oriundos da cultura, da religião e da educação. Tais aspectos atuam no desenvolvimento sexual definindo posicionamentos ao longo da vida.

Na velhice, a plasticidade comportamental fomenta a alocação de recursos internos e externos na administração das perdas (minimizando) e ganhos (maximizando), diante das restrições advindas do tempo vivido e do ambiente, visando compensação.

De acordo com Schulz e Heckhausen (1996), a seletividade acontece em paralelo à diversidade: enquanto a primeira aumenta ao longo da vida, a segunda diminui gradativamente. Em contrapartida, Neri (2006) pondera que na velhice há o aumento da seletividade emocional em decorrência de uma diminuição normativa dos níveis de alerta e da intensidade emocional das respostas, que, neste âmbito, passa a ser menos intensa e articulada, sendo mais compatível com o instrumental biológico das pessoas. Pode ainda, conforme Baltes e Dickson (2001) e Freire et al. (2012), acontecer uma seleção eletiva

(focada na adaptação) ou baseada nas perdas (com base no declínio de recursos ou supressão de metas).

A partir destes conceitos, a narrativa de Amazonita expressou seus sentimentos de frustração relacionados à sexualidade nesta fase: a rejeição do esposo que se nega a retribuir um carinho, diante de sua aproximação, “*como quem está fugindo*”, acreditando que “*tem que se conformar, porque eu não vou fazer uma loucura*”. Na diminuição de diversidade para o exercício de sua sexualidade, visto seu marido não atender ou não entender suas expectativas, Amazonita selecionou e otimizou recursos, deslocando sua sexualidade em doações de afeto mais abrangentes, compensando-se com os netos, com os filhos e com os cuidados dedicados ao próprio esposo e ao lar, buscando minimizar as perdas, como se lê a seguir:

“... como eu tive ele muito presente, nesse sentido, aí é que eu sinto falta... O único homem que tocou em mim, me abraçou, me beijou, nunca tive nem outro namorado, aí eu sinto falta dele me fazer um carinho... Quando vou fazer um carinho ele diz que tá doendo aqui, uma dor não sei aonde, ah!... como quem está fugindo... eu cheguei junto começa a se queixar... Na minha situação, a gente tem que se conformar, porque eu não vou fazer uma loucura... Meu marido tem 84 anos... Tem tantas pessoas com mais idade e sexualmente está ativo, na medida do possível... Hoje eu me ocupo com a casa, meus netos e costuro algumas coisas para minhas filhas” (Amazonita, 75 anos).

A narrativa de Ametista expôs seu grau de satisfação ao redescobrir uma nova parceria amorosa, com quem estabeleceu uma relação, com mais prazer físico e emocional, em comparação aos anos anteriores à viuvez, ao contrário de muitas mulheres que, diante deste *status* social, preferem viver sozinhas. Souza et al. (2015) pesquisaram a vivência da sexualidade em mulheres viúvas, a partir dos 60 anos, e concluíram ser esta uma fase merecedora de atenção especial, na qual as mulheres tendem a viver sozinhas; passam a supor que são menos atrativas, bem como sofrem, ativamente, a influência de âmbito religioso, tal como corroboram Uchôa et al. (2016). Além disso, a viuvez impõe remodelação do papel social, requerendo novas funções, autonomia e novos aprendizados diários, como se lê, a seguir:

“... quando você tem um parceiro criativo, que também gosta das mesmas coisas que você, ele sabe como despertar em você determinadas coisas... então, nesse ponto, não muda, tudo depende do parceiro... Comparando meus últimos anos de casada, eu

“... tinha menos vida sexual do que tenho atualmente... Hoje é algo prazeroso, a nível físico e emocional” (Ametista, 60 anos).

Baltes e Dickson (2001) evidenciam que existem grandes diferenças individuais na(s) velhice(s), indicando que os recursos físicos, psíquicos e ambientais são limitados à especificidade da situação vivenciada e ao surgimento de oportunidades, nas quais as perdas exigem escolhas para fins determinados por um contexto. Assim, enquanto o discurso de Safira demonstrou que as estratégias selecionadas, entre suas experiências, impulsionaram-na a ir em busca de um relacionamento amoroso, buscando realizar sonhos com uma possível compensação emocional por conta do que ainda não foi vivido, o discurso de Rubi revelou estratégias de seleção, otimização e compensação bem peculiares.

No tocante à diversidade de vivências juvenis, não se limitou a uma velhice assexuada pela inexistência de um parceiro. Para tal, viveu o apogeu na fantasia e desmistificou a utilização de objetos eróticos para revitalizar zonas erógenas, quebrando a monotonia da sua vida sexual, corroborando com Fruett (2015) quanto às possibilidades que habitam o imaginário privado de cada pessoa, como se lê nos relatos a seguir:

“... a única coisa que tenho hoje são amigadas, mas vida amorosa não tenho... Adoro dançar e toda noite estou dançando nos bailes, mas eu danço comigo. Fico a noite toda sozinha ao lado da mesa... algumas vezes danço com uns senhores... Ano passado, quando fui pra Portugal conheci um senhor que ficou loucamente apaixonado por mim, foram dois dias de muita dança, mas foi só a dança... Eu tenho um sonho... encontrar um parceiro, um homem honrado, honesto, que não seja ciumento, acima de tudo livre, pra fazer um cruzeiro pela Costa Amalfitana (Itália), mas não encontrei uma pessoa que tenha estas características. As outras características não me interessam... Eu não sou cuidadora de idosos, porque encontrar uma pessoa pra eu lavar, cozinhar, passar e aguentar estupidez, não dá. Nunca fiz isso quando era nova” (Safira, 63 anos).

“... como não pensar se está presente, pulsando no meu corpo... só acho que existe vergonha de comentar o que sente, os prazeres, a falta de um carinho mais profundo, acho que falta isso nas pessoas da terceira idade... Eu gostaria de encontrar outras mulheres que conversassem sobre isso, também... como eu não tenho parceiro faço sexo solitário. É mais tranquilo, assim quando estou com muita vontade é que eu

faço... Não sei há quanto tempo que estou fazendo isso... Me dei conta que não estava encontrando um parceiro como eu queria, comecei a praticar o sexo com um vibrador de fazer massagem e não me dei... ah! prefiro um homem mesmo... Mas comprei um vibrador e me dei bem, bem mesmo, a primeira vez foi como se tivesse um selinho, depois de muitos anos... Senti direitinho aquilo, ploft!... como se tivesse aberto um lacre, como se fosse uma “primeira vez” e foi maravilhoso... Eu me amo e não vou pegar qualquer um... Acho que tô ficando meio doida, de tanto fazer sozinha... Se um dia eu tiver uma pessoa vai ser muito ruim, muito ruim, acho que não sei como fazer de novo, vou ter de começar do princípio” (Rubi, 69 anos).

Ponciano et al. (2019) destacam que uma velhice saudável, livre de compromissos laborais, pode significar oportunidade para aquisição de conhecimento, assim como o engajamento em movimentos sociais, culturais, políticos, ligados à espiritualidade ou lazer. Neste sentido, Scoralick-Lempre e Barbosa (2012) corroboram e acrescentam que essas atividades promovem a manutenção das habilidades cognitivas, favorecendo a socialização. No discurso de Turmalina, por viver sozinha e perceber a importância de envolvimento em ocupações positivas, surgiu o redirecionamento da dimensão ‘sexualidade’ em trabalhos altruístas, doando seu tempo e suas expressões emocionais no contato com as pessoas, como descrito a seguir:

“... Eu não tenho parceiro amoroso, nem sei se me preocupo com isso... No meu pensamento, tenho tanta ocupação, me envolvo com tanta coisa... Acho que tento me ocupar. O fato de morar só, ficar sozinha em casa, a coisa pode degradingolar, pra outra coisa bem diferente... vai ficando depressiva, enjoada e a minha tendência, para estar com os outros, sempre foi muito grande, desde criança e acho que eu faço disso toda a ocupação do meu tempo, do emocional e não dou lugar para minhas expressões individuais” (Turmalina, 75 anos).

Quanto às expressões de sexualidade, Araújo et al. (2017) comentam que, em geral, são apresentadas a partir da influência mútua com o outro, interagindo por meio das relações sociais, corporeidade ou espelhada pelas atitudes de ser e estar no mundo, permeadas pelo ‘Eros’ de cada um. Os dois participantes do sexo masculino demonstraram, no exercício da sexualidade, a importância da atividade sexual em cenários adaptados às suas realidades. Para Citrino, as compensações às mudanças normativas da idade surgem com os cuidados com a

saúde e na satisfação de poder manter relações sexuais, de uma a duas vezes por semana, com sua esposa. Enquanto Jaspe, depois de vivenciar a dissolução de um casamento, procurou estratégias compensatórias para usufruir de sua sexualidade, sem se comprometer com as parceiras, o que corrobora com Silva et al. (2020) quando referem que os homens tendem a práticas sexuais sem vínculos amorosos. Para isso, ele passou a frequentar lugares e grupos formados por pessoas de sua faixa etária, ‘*afinadíssimas*’ (segundo o participante) para fins de trocas ou encontros amorosos, como se lê nas narrativas a seguir:

“... houve mudança, principalmente na quantidade... Os jovens só vão pensar nisso, quando estiverem velhos, mas hoje é bom também... Tenho minha esposa, me cuido, faço exercício, caminho todo dia ... A gente ainda tem relação sexual, não como antigamente, agora, é uma, às vezes duas vezes na semana, mas é muito prazeroso” (Citrino, 67 anos).

“... esse momento de vida é tão bom, quando a outra parte comunga da mesma coisa... Depois desse casamento, optei pela experiência de conviver com pessoas que sejam maduras, como eu, mas com distanciamento... Cada uma com suas responsabilidades, sem conviver sob o mesmo teto... aí, dependendo, vamos tomar um café... se gostei vamos nos encontrar, A gente se conhece e faz amizade, se surgir o interesse ai a gente passa o fim de semana, faz uma viagem, vai pra uma praia... mas não tem parceira fixa... Existe no cinema da Fundação Joaquim Nabuco um café que é perfeito... tem qualidade e as pessoas que vão, também vão ver isso, é propício, estão afinadíssimas... Quem vai é com destino em idosas, mas não tem problema é o ciclo normal da vida... a roupa, o detalhe no cabelo, a maneira de se comportar, eu faço uma leitura e aí eu dou um aceno, uma conversa, uma coisa agradável” (Jaspe, 63 anos)

Outro fato relevante referido por Jaspe e Rubi concerne ao compartilhamento de mensagens de teor erótico com algumas pessoas idosas que participam de grupos, por meio de aplicativos de mensagens instantâneas de textos, imagens e vídeos, tipo *WhatsApp*. Tais posturas, para Mallmann (2016), dizem respeito à escopofilia (termo usado por Freud, para expressar a pulsão sexual, quando a fonte de excitação é predominantemente o olhar sem relação sujeito-objeto). Silva (2012, p. 51) acrescenta dizendo que “a escopofilia é um dos componentes principais da sedução do cinema a qualquer tempo e o vídeo toma para si este

papel”, que ao se compreender o olho como zona erógena, torna-o ativo na excitação sexual, transformando o observado em objeto de satisfação. No entanto, com base nas colocações dos participantes, esse recurso não representou satisfação (para eles), o que corrobora com Silva (2017) quando menciona que as pulsões do olhar são capazes de eliciar satisfação quando a imagem projeta fantasias, paixões e ideias, ao contrário do conteúdo pornográfico (explícito, decodificado), que não propicia a fantasia, fazendo do estímulo uma excitação restrita ao imediato, como sugere o exposto a seguir:

“... hoje eu não suporto ver os colegas de trabalho o tempo todo vendo mulher nua e transação no WhatsApp, é isso, é aquilo, não sinto prazer nisso” (Jaspe, 63 anos).

“... eu não admito é que falem sacanagens... tem umas amigas, que trocam no WhatsApp cenas horríveis de sexo, deletei tudo, não acho bonito, isso aí... Se tem coragem de ver e passar adiante a figura de homem pelado, mulher pelada, até na própria relação, acho que devia tentar conversar com alguém pra descobrir o que sente e como pode regularizar isso aí, né” (Rubi, 69 anos).

4.2.4 Preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas

Os ‘pré-conceitos’ acerca da sexualidade na velhice arraigados nas sociedades vêm atravessando a história e repercutindo no cotidiano dos idosos, em pleno século XXI. Partindo desta realidade, esta categoria procurou identificar, nas narrativas dos pesquisados, os preconceitos subjacentes aos contextos vividos.

Malgrado as disfunções naturais à idade, os preconceitos incorporados aos mitos e tabus socioculturais tendem a perceber, negativamente, a sexualidade dos senescentes. Uchôa et al. (2016), em estudo incluindo 200 idosos, em suas conclusões observaram que a sexualidade é diretamente influenciada, no processo histórico, pela educação, pelas doutrinações religiosas e pelas informações passadas de geração a geração, tal como afirmam Oliveira e Vieira (2018) e Rozendo e Alves (2015) ao considerarem que as informações acerca da sexualidade da geração dos idosos atuais foram muito restritas e seguiram os padrões criados pela sociedade.

Neste estudo, o exposto por Amazonita em relação ao comportamento de seu marido sugere um prejuízo de valor, em relação à sexualidade na velhice, extrapolando o nível

intelectual e sendo sujeitado aos padrões aprendidos no convívio social ao longo da vida, como na descrição a seguir:

“... meu marido estudou, fez curso superior, mas tem a mente muito fechada... O homem tem que ter aquele “orgulho” né, se aceitar o carinho pensa que a gente tá querendo tudo, justo é isso” (Amazonita, 75 anos).

Os benefícios da atividade sexual à qualidade de vida não se restringem à juventude. Esta atividade pode ser mantida e adaptada à realidade de cada pessoa na(s) velhice(s), compensando perdas, pertinentes à idade, mas se depara com preconceitos, especialmente, dentro do âmbito familiar, como registrado no discurso de Citrino. De forma indireta, ele entendeu a negação da sexualidade subjacente ao gracejo do genro. Bevilaqua, Parnow, Moreira e Maziero (2019) apontam que, no tocante ao exercício da sexualidade do idoso, dentre os fatores inibidores importantes, além da falta de informações, estão as representações familiares, sendo os filhos o principal fator de interferência. Tal parecer é compartilhado por Araújo (2015), quando acrescenta que muitas famílias não toleram ver sua parentela idosa manter relações amorosas, negando esse direito em particular aos pais, como é possível verificar no conteúdo expresso pelo participante:

“... o sexo é um dos prazeres que o ser humano tem na vida... quando se perde, muda tudo... é a mesma coisa, quando fica velho... acho que esta turma nova pensa que a gente não faz mais sexo... No meu aniversário ganhei um calção cor-de-rosa do meu genro, mas ele levou de volta... Queria dizer que agora eu era feito bebê, não fazia nada” (Citrino, 67 anos).

Entre as mulheres idosas que vivem sem companheiros, há a necessidade de desvelar a diversidades de formas para selecionar o exercício da sexualidade na velhice. Neste aspecto, Souza et al. (2015) pontuam que estas mulheres são marcadas por singularidades decorrentes dos conceitos latentes na sociedade, como o medo da ridicularização ou de rotulações. Algumas enfrentam solidão ou se dedicam à vida de outras pessoas, omitindo sua sexualidade, como no relato a seguir:

“... às vezes, quando você quer tocar num assunto desses, a maioria das mulheres, principalmente as de mais idade, dizem que a gente não deve nem pensar mais nisso”
(Rubi, 69 anos).

As respostas dos participantes à entrevista descortinaram os cenários dos significados, acerca da sexualidade e da atividade sexual. Permitiram distinguir as mudanças entre as vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta e o exercício desta dimensão humana por ocasião da(s) velhice(s), além de possibilitar a identificação de preconceitos subjacentes às narrativas. Em concordância com Schulz e Heckhausen (1996), chegar à velhice significa dizer que a pessoa passou pela vida; tem uma história passada e uma possibilidade de futuro característica ao indivíduo em um determinado tempo e lugar. A respeito da pessoa idosa, Mendes et al. (2017) salientam a relevância das peculiaridades individuais e a singular percepção sobre si mesmo.

Todos os pesquisados, em seus respectivos contextos, apontaram que a sexualidade não desaparece com a chegada da velhice, permitindo inferir que sempre estará presente, só se extinguindo com a morte. Os resultados confirmam as colocações de Araújo (2015), Beauvoir (2018), Bevilaqua et al. (2019), Debert (2019), Rozendo e Alves (2015), Uchôa et al. (2016), afirmações compartilhadas por Silva et al. (2020) e tantos outros que estudam a temática e alegam que aceitá-la é importante para nutrir sentimentos saudáveis para si e seu entorno; rever crenças; buscar prazer; constatar o inexorável e acolher novas oportunidades frente as perdas naturais ou imprevistas. Todavia, com o avançar dos anos e no plural de suas expressões, pode aumentar, diminuir ou deslocar-se, sem deixar o indivíduo assexuado (Beauvoir, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a velhice ainda carrega estigmas e preconceitos perpetuados ao longo da história, que mostram esta fase como um período de desencantamento e obscuridade. Por ser considerada uma época de declínio, de solidão, de surgimento de doenças ou limitações, de perda da tonicidade do corpo, da beleza física, dos desejos e fantasias, ela aparece como impedimento à manutenção ou procura de novos projetos, realização de novos ou antigos sonhos, pois o caminho só promete a finitude. No entanto a finitude, a doença e as adversidades de toda ordem acompanham o ser humano desde a hora de sua concepção e se manifestam de inúmeras formas em qualquer tempo e lugar.

Nesse contexto, não se pode negar que a singularidade física, emocional e social imprime à vida das pessoas situações bem diversas. A literatura consultada trouxe à baila, por meio de estudos teóricos e pesquisas qualitativas e quantitativas, informações importantes acerca da diversidade do viver humano. Mostrou um quadro com pessoas atravessando suas velhices com dificuldades, por questões socioeconômicas deficitárias e, assim, sendo obrigadas a viver a perda do papel social, a doença e o descaso do estado ou da família. Mostrou também pessoas com vidas cheias de sentidos e esperanças, produzindo e agregando valores e alegria junto à família e à sociedade que os cercam. Os últimos casos, contudo, estão relacionados com melhores condições de vida, de informações e de oportunidades.

A partir da perspectiva *Lifespan*, que considera o desenvolvimento como um processo contínuo ao longo do curso da vida, e da Meta-teoria SOC, concepções otimistas surgem no contexto das velhices, bem como novas potencialidades começam a ser visualizadas.

Tais instrumentos teóricos, surgidos na década de 1980, descrevem as estratégias de seleção, otimização e compensação como ferramentas importantes para administrar ganhos e perdas em todas as fases do desenvolvimento, especialmente no envelhecimento e na(s) velhices, atribuindo ainda existir plasticidade nesta fase, capaz de promover ganhos e aprendizagem.

Nesta pesquisa, ficaram evidenciados sentimentos positivos e outros mais resignados em relação à sexualidade e à atividade sexual, os quais mostraram que as vivências na fase jovem e adulta, em tal segmento, compõem o campo das diversidades, no qual ocorrerão as seleções de recursos necessários ou desejados, em prol de compensação futura, além de permitir acesso às escolhas dos recursos ainda não experimentados, se assim for desejado.

Pode-se dizer que os resultados desta pesquisa, obtidos por meio das análises das falas dos participantes, corroboraram com a literatura consultada e confirmaram a pluralidade de formas de se viver ‘a velhice’, reforçando a referência de Cruz e Ferreira (2011) quando denominaram o período de ‘velhices’.

É importante frisar o suporte que as trocas afetivas podem dar à qualidade de vida nas velhices. Neste período, quando o corpo perde o vigor para consumir o ato sexual genital, a sexualidade tende a tomar novas dimensões. No entanto, para alguns idosos, a exemplo de Citrino, 67 anos, a atividade sexual é componente vital à vida, sendo tão prazerosa na velhice quanto na juventude, embora com menor frequência.

As fantasias românticas, as vivências sexuais arrojadas das fases jovem e adulta, em diferentes versões de união conjugal (do sexo diário ou mais de uma vez por noite), os confrontos aos valores morais das décadas de 1950 e 1960 (emancipação sexual das mulheres e gravidez fora do casamento), a busca de oportunidades transculturais (casamento em outro país) e a experiência em um casamento que terminou em divórcio marcaram os relatos deste grupo pesquisado.

À valorização da sexualidade foi acrescentada uma percepção mais madura, não restrita ao ato puramente sexual em seis das sete narrativas, apesar das diferentes escolhas de compensação (Amazonita, 75 anos; Ametista, 60 anos; Jaspe, 63 anos; Safira, 63 anos; Rubi, 69 anos; Turmalina, 75 anos). A percepção ampliada garantiu mais seletividade na escolha de parceiros(as), busca de objetivos e atividades que trouxessem prazer para manter a qualidade de vida e direcionou a escolha de amizades e/ou relacionamentos com pessoas ou grupos afins.

Nos contextos de Amazonita e Turmalina, ambas com 75 anos, ingressando na fase de idosos velhos, segundo Papalia et al. (2006), a energia que move a sexualidade foi direcionada para atividades/trabalhos ‘para outras pessoas’, como familiares, amigos, comunidade ou grupos específicos, compensando nestas ocupações suas expressões afetivas. Tal direcionamento, por vezes, pode significar novas oportunidades de conhecimento e envolvimento em diversos movimentos gratificantes.

Os preconceitos relativos à sexualidade e à atividade sexual apareceram subjacentes em três dos sete discursos. Mostraram-se no ambiente familiar (Citrino e o genro), no relacionamento conjugal (Amazonita e o esposo) e no meio social (Rubi e outras mulheres idosas), corroborando com Araújo (2015) e Uchôa et al. (2016) quando referem que os preconceitos sofrem influência do processo histórico, da educação e das informações passadas de geração a geração.

Na trajetória para compreender as percepções e os sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva da pessoa idosa, desvendou-se um cenário cheio de significados que mostrou ter início em fases mais remotas da vida e, apesar de a temática ‘na vida real’ sofrer preconceitos repassados por gerações, a sexualidade nas velhices pode ser compreendida como essencial à vida e tratada com seriedade e leveza, por meio das exposições autênticas e interessantes, trazidas pelos participantes.

No entanto é preciso reconhecer as limitações que esta pesquisa apresenta, tais como: haver apenas dois participantes do sexo masculino; todos serem pessoas de camada social média; ter sido restrita à realidade de pessoas que residem na capital, no nordeste brasileiro; envolver exclusivamente participantes com autonomia e independência física e financeira e, finalmente, haver considerado idade máxima dos participantes igual a 75 anos.

Vale ressaltar que esta temática não foi esgotada. Apesar de estar despertando interesse acadêmico nas últimas décadas, há muito a ser explorado sobre ela, uma vez que a população senescente cresce a cada ano. Dessa feita almeja-se que este estudo possa instigar outros pesquisadores na mesma linha.

Assim, é preciso intensificar os estudos sobre a sexualidade nas velhices, em suas diversas facetas, como: interferência dos filhos/jovens na sexualidade dos pais e parentes idosos; influência dos preconceitos sociais e do próprio idoso em relação à sexualidade; o exercício da sexualidade em idades mais avançadas; sexualidade de pessoas idosas com deficiências; intervenções psicoeducativas sobre a sexualidade da pessoa idosa, dentre outras.

REFERÊNCIAS

- Aarão, G. M. (2015). *Caracterização mineralógica e tecnológica de feldspatos piroexpansíveis de pegmatitos do Distrito de Conselheiro Pena, MG* (Dissertação de mestrado). Fundação Universidade de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/6547>.
- Abreu, M. C. (2017). *Velhice: uma nova paisagem*. São Paulo, SP: Ágora.
- Alencar, D. L., Marques, A. P. O., Leal, M. C. C., & Vieira, J. C. M. (2014). Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19(8), 3533-3542. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n8/1413-8123-csc-19-08-03533.pdf>.
- Alencar, D. L., Marques, A. P. O., Leal, M. C. C., & Vieira, J. C. M. (2016). Exercício da sexualidade em pessoas idosas e os fatores relacionados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 19(5), 861-869. Recuperado de https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n5/pt_1809-9823-rbgg-19-05-00861.pdf.
- Andrade, A. N., Nascimento, A. M. P., Oliveira, M. M. D., Queiroga, R. M., Fonseca, F. L. A., Lacerda, S. N. B., & Adami, F. (2014). Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 17(1), 39-48. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232014000100005>.
- Araújo, A. C. F. (2015). Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, Santos, 12(29), 35-41. Recuperado de <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/689/u2015v12n29e689>.
- Araújo, B. J., Sales, C. O., Cruz, L. F. S., Moraes-Filho, I. M., & Santos, O. P. (2017). Qualidade de vida e sexualidade na população da terceira idade de um centro de convivência. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, Goiânia, 6(2), 85-94. Recuperado de <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/282/183>.
- Araújo, L. F., & Fernández-Rouco, N. (2016). Idosos LGBT: fatores de risco e proteção. In Falcão, D. V. S., Araújo, L. F., & Pedroso, J. S. (Org.). *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar*. (Cap. 8, pp. 129-138). Campinas: Alínea.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, 22(2), 70-77. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.
- Araújo, S. L., & Zazula, R. (2015). Sexualidade na terceira idade e terapia comportamental: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Ciência e Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, 12(2), 172-182. Recuperado de <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/5054/pdf>.
- Baltes, B. B., & Dickson, M. W. (2001). Using life-span model in industrial-organizational psychology: the theory of selective optimization with compensation. *Applied*

Developmental Science, Lincoln, Nebraska, 5(1), 51-62. Recuperado de https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0501_5.

- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, Washington, 23(5), 611-626. Recuperado de: https://www.imprs-life.mpg.de/25277/022_baltes_1987.pdf.
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1991). Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In: Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (eds). *Successful aging: perspectives from the behavioral sciences*. Cambridge: Cambridge University Press. Recuperado de <https://www.cambridge.org/core/terms>. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665684.003>.
- Baltes, P. B., Reese, H. W., & Lipsitt, L. P. (1980). Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, Palo Alto, Califórnia, 31, 65-110. Recuperado de <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.ps.31.020180.000433>.
- Baltrusis, N. (2013). A bela e a fera. In Rabinovich, E. P., Pereira, M. B. J., Silva, M. A. V., Amorim, R. S., & Neves, S. D. (Org.). *Para além do sexo: a sexualidade por um enfoque interdisciplinar*. (Cap. 3, pp. 40-46). Curitiba: Juruá.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto, & A. Pinheiro, trad.). São Paulo: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- Barret, A. E. (2003). Socioeconomic status and age identity: The role of dimensions of health in the subjective construction of age. *Journals of Gerontology: Social Sciences*, 58(2): 101-109. Recuperado de <https://doi.org/10.1093/geronb/58.2.S101>.
- Batistoni, S. S. T. (2016). Saúde emocional na velhice. In Freitas, E. R., Barbosa, A. J. G., & Neufeld, C. B. (Org.). *Terapias cognitivo-comportamentais com idosos*, Novo Hamburgo: Sinopsys, 353-374.
- Batistoni, S. S. T., Prestes, S. M., Cachioni, M., Falcão, D. V. S., Lopes, A., Yassuda, M. S., & Nery, A. L. (2015). Categorização e identificação etária em uma amostra de idosos brasileiros residentes na comunidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 28(3), 511-521. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201528310>.
- Beauvoir, S. (2016). *O segundo sexo: a experiência vivida* (S. Milliet, trad.). (3a ed., Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1949).
- Beauvoir, S. (2018). *A velhice* (M. H. F. Martins, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1970).
- Bevilaqua, S. O., Parnow, C., Moreira, J., & Maziero, B. R. (2019). Fatores que interferem na sexualidade da pessoa idosa: uma revisão de literatura. *Disciplinarum scientia*, Santa Maria, 20(1), 171-181. Recuperado de <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/3018>.
- Bravo, B. (1998). *O segredo dos cristais: um guia prático*. (10a ed.). São Paulo: Pensamento.

- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>.
- Capodieci, S. (2000). *A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru: EDUSC.
- Carrara, F. F., Vinagre, C. C. C. M., & Pereira, L. L. (2020). Percepção do envelhecimento: mulheres de meia idade e idosas que buscam por procedimentos estéticos. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 14(49), 38-50. Recuperado de <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2309/3606>.
- Catapan, N. R., Brito, R. S., Cavalcanti, P. P., Pereira, D. L., & Torres, N. (2014). Compreendendo a senescência na ótica da sexualidade feminina. *Ciência et Praxis*, 7(14), 19-24. Recuperado de <http://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/2142/1134>.
- Colussi, E. L., Pichler, N. A., & Grochot, L. (2019). Percepções de idosos e familiares acerca do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 22(1), 1-8. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562019022.180157>.
- Crema, I. L., & De Tilio, R. (2017). Representações da menopausa para a sexualidade de idosas: revisão integrativa de literatura. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, 37(3), 753-769. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n3/1982-3703-pcp-37-3-0753.pdf>.
- Cruz, R. C., & Ferreira, M. A. (2011). Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. *Texto e Contexto*, 20(1), 144-151. Recuperado de <http://www.index-f.com/textocontexto/2011pdf/20-144.pdf>.
- Cunha, A. M. S., Lima, A. B. A., Santos, I. M. R., Gomes, N. M. C., & Souza, E. M. S. (2019). Conversando sobre sexualidade afetividade entre pessoas idosas. *Gep news*, Maceió, 2(2), 153-160. Recuperado de <http://200.17.114.107/index.php/gepnews/article/view/7893>.
- Dantas, B. S. A. (2010). Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 700-728. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844633005.pdf>.
- Dantas, V., Batista, R. C. F., Dantas, R. A. N., Nascimento, J. C. P., Nunes, H. M. A., Rodriguez, G. C. B., & Silva, I. F. X. (2017). Sexualidade e qualidade de vida na terceira idade. *Revista Brasileira de Pesquisa e Saúde*, Vitória, 19(4), 140-148. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/19814/13235>.
- Debert, G. (2019). O corpo e a reinvenção da velhice. In Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., Brito, E. S., & Ferreira, M. M. (Org.). *Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares 2*. (Cap. 1, pp. 21-39). Curitiba: CRV.
- Debert, G., & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 27(80), 37-54. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a03.pdf>.

- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. S. (2008). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Falcão, D. V. S. (2016). Amor romântico, conjugalidade e sexualidade na velhice. In Freitas, E. V., & Py, L. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (4a ed., Cap. 143, pp. 1498-1507). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Figueiredo, T. C., & Frigo, L. F. (2014). Fisioterapia: climatério e menopausa versus sexualidade – uma revisão bibliográfica. *Disciplinarum Scientia*, 15(1), 47-53. Recuperado de <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/1064/1008>.
- Fleury, H. J., & Abdo, C. H. N. (2018). Excitação sexual feminina subjetiva. *Diagnóstico e Tratamento*, São Paulo, 23(2), 66-69. Recuperado de http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/06/904908/rdt_v23n2_66-69.pdf
- Fonseca, F. M., Santos, F. F., Costa, F. M., Santos, J. A. D., & Carneiro, J. A. (2015). Climatério: influência na sexualidade feminina. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, 13(2), 639-648. Recuperado de http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2382/pdf_408.
- Fontes, A. P. (2010). Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (*life-span*). *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, Cadernos Temáticos 7, 8-20. Recuperado de <http://revista.pucsp.br/kairos/article/view/3917/2558>.
- Fontes, A. P., & Neri, A. L. (2015). Resiliência e velhice: revisão de literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 20(5), 1479-1495. Recuperado de https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n5/pt_1413-8123-csc-20-05-01475.pdf.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (M.T. C. Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, trad.). (12a ed., Vol.1). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freire, S. A., Resende, M. C., & Rabelo, D. F. (2012). Enfrentando mudanças no envelhecimento: o modelo de seleção, otimização e compensação. *Perspectivas em Psicologia*, Uberlândia, 16(1), 190-211. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/27556/15110>.
- Freire, S. E. A., & Sousa, R. S. (2017). Amor e sexo percebidos por idosos: seus correlatos valorativos. In Carvalho, C. M. R. G., & Araújo, L. F. (Org.). *Envelhecimento e práticas gerontológicas*. (Cap. 9, pp. 165-175). Curitiba: CRV.
- Fromm, E. (1985). *A arte de amar*. (M. Amado, trad.). Belo Horizonte: Itatiaia.
- Fruett, A. C. (2015). *Longeviver: o inconsciente no declínio da vida*. Fortaleza: Premium.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. (4a ed.). (S. R. Netz, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, A. C. S., & Fonseca, S. C. (2019). A dupla face do processo de envelhecimento: potência e fragilidade. In Musial, D. C., Reda, F. R., & Galli, J. F. M. (Org.). *Cadernos*

sobre envelhecimento. (Cap. 5, pp. 46-58). Maringá: Uniedusul. Recuperado de: <https://www.uniedusul.com.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO-I-CADERNOS-DE-ENVELHECIMENTO.pdf#page=46&zoom=100,0,0>.

- Gomes, R. M., Cidreira, J. M., Santos, M. C. Q., Bastos, N. L. M. V., Santos, K. A., & Santos, M. L. Q. (2018). Sexualidade na terceira idade: as representações sobre sexo. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, Crato, 2(40), 939-955. Recuperado de <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1168/1697>.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. (A. A. T. Serra, & E. Ferreira, trad.). São Paulo: Roca.
- Grosso, L. A. (2017). *Introdução à sociologia da juventude*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Guimarães, H. C. (2015). Sexualidade na terceira idade. *Revista Portal de Divulgação*, São Paulo, 47, ano VI, 37-46. Recuperado de <https://revistalongevidar.com.br/index.php/revistaportal/article/view/569/625>.
- Gutierrez, B. A. O., & Falcão, D. V. S. (2016). Suicídio de idosos. In Falcão, D. V. S., Araújo, L. F., & Pedroso, J. S. (Org.). *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (Cap. 9, pp. 143-156). Campinas: Alínea.
- Hekma, G. (1995). Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade. (C. K. Moreira, trad.). In Bremmer, J. (Org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. (Cap. 10, pp. 237-267). Campinas: Papirus.
- Hernandes, D. P. (2015). Velhice: o desconhecido mais temido. *Revista Portal de Divulgação*, São Paulo, 47, ano VI, 4-11. Recuperado de <https://revistalongevidar.com.br/index.php/revistaportal/article/view/565/621>.
- Hoffmeister, A., Carvalho, L. M., & Marin, A. H. (2019). Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista Subjetividades*, 19(3), 1-14. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529>.
- Hofmann, A. H. G. (1998). *Qualidades essenciais das pedras preciosas*. (10a ed.). São Paulo: Pensamento.
- Libarino, D. S. (2017). A percepção masculina acerca da velhice: principais desafios. *Revista Ciência e Desenvolvimento*, Vitória da Conquista, 10(3), 376-390. Recuperado de <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/666/351>.
- Lima, P. M. R., & Coelho, V. L. D. (2011). A arte de envelhecer: um estudo exploratório sobre a história de vida e o envelhecimento. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, 31(1), 4-19. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100002>.
- Lins, R. N. (2012). *O livro do amor: da pré-história à renascença*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Best-Seller.

- Mallmann, C. J. (2016). Escopofilia: de que se alimenta o mundo virtual? *Revista Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, 46, 45-54. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n46/n46a05.pdf>.
- Maschio, M. B. M., Balbino, A. P., Souza, P. F. R., & Kalinke, L. P. (2011). Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, 32(3), 583-589. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rngen/v32n3/21.pdf>.
- Mendes, A. G. P., Fonseca, L. C., Vasconcelos, S. L., Ferreira, S. A., Fermoseli, A. F. O., & Melo, T. C. L. (2017). A percepção da sociedade a respeito dos idosos que vivem em abrigos em Maceió. *Ciências Humanas e Sociais*, Santa Maria, 4(1), 27-46. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/3593/2256>.
- Mendes, J. L. V., Silva, S. C., Silva, G. R., & Santos, N. A. R. (2018). O aumento da população idosa no Brasil e o envelhecimento nas últimas décadas: uma revisão de literatura. *Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde*, Santa Maria, 4(1), 27-46. Recuperado de <http://www.faculadedefuturo.edu.br/revista1/index.php/remas/article/view/165>.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (3a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 19(3), 507-519. Recuperado de http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n3/pt_1809-9823-rbgg-19-03-00507pdf.
- Monteiro, S. A. S. (2018). Ciclos de vida e ética do envelhecimento. *Temas em Educação e Saúde*, Araraquara, 14(2), 254-267. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/12032>.
- Munjack, D. J., & Oziel, L. J. (1984). *Sexologia: diagnóstico e tratamento* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Atheneu.
- Nascimento, J. C. (2006). Rubi. *Loja cristais de curvelo*. Curvelo, MG. Recuperado de <https://www.cristaisdecurvelo.com.br/pages/RUBI-Aprenda-Mais-sobre-Este-Mineral.html>.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, 14(1), 17-34. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a05.pdf>.
- Neri, A. L., & Vieira, L. A. M. (2013). Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 16(3), 419-432. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838813002>.
- Neves, V. L. C. (2019). Sexualidade e espiritualidade no envelhecimento. In Correia, J. L., Jr., Pestana, L. S. T. C., & Silva, C. F. S. (Org.). *Fórum sobre questões do envelhecimento: espiritualidade, saúde e envelhecimento*. (Cap. 6, pp. 89-104). Recife: Bagaço.

- Neves, V. L. C., & Dias, C. M. S. B. (2019). Sexualidade: desafios e apropriações na velhice. In Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., Brito, E. S., & Ferreira, M. M. (Org.). *Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares 2*. (Cap. 6, pp. 103-120). Curitiba: CRV.
- Oliveira, C. E. A. (2017). Imagens a partir da juventude. *Instrumento – Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, Juiz de Fora, 19(1), 109-117. Recuperado de <https://doi.org/10.34019/1984-5499.2017.v19.19018>.
- Oliveira, E. L., Neves, A. L. M., & Silva, I. R. (2018). Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, 30, 1-9. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166019>.
- Oliveira, E., Fonseca, A. F. P., Fagundes, A. P. G., Guimarães, P. D. F., Nobre, M. L. C., & Bonfim, (2016). Mitos e verdades sobre o envelhecimento: percepções dos idosos. *Revista Intercâmbio*, Montes Claros, VII, 68-89. Recuperado de <http://www.intercambio.unimontes.br/index.php/intercambio/article/view/86/74>.
- Oliveira, F. F. F., & Vieira, K. F. L. (2018). Sexualidade na longevidade e sua significação em qualidade de vida. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, 29(1), 103-109. Recuperado de <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.46>.
- Oliveira, K. F. (2019). O corpo e a sexualidade na terceira idade: um olhar sobre como vem se lidando com essa dimensão da idade. *Revista Gestão, Educação, Tecnologia e Saúde*, 2(1), 42-66. Recuperado de <https://ojs3x.gets.science/index.php/getts/article/view/14/artigo>.
- Ongaratto, G. L., Grazziotin, J. B. D. D., & Scortegagna, S. A. (2016). Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência. *Pesquisa em Psicologia*, 10(2), 12-20. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.24879/201600100020055>.
- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Recuperado de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/6/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf.
- Paiva, L. L., & Frasson, A. L. (2014). Reflexões sobre menopausa, incontinência urinária, sexualidade e envelhecimento. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, 19(3), 743-757. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/40900/33283>.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (8a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, M. B. J. (2013). Corpos voláteis: a sexualidade enlaçada pelo desejo. In Rabinovich, E. P., Pereira, M. B. J., Silva, M. A. V., Amorim, R. S., & Neves, S. D. (Org.). *Para além do sexo: a sexualidade por um enfoque interdisciplinar*. (Cap. 2, pp. 27-37). Curitiba: Juruá.

- Ponciano, E. L. T., Domith, X., Esteves, E., Ramos, F. S., Furtado, L., Leite, R. P., Tomé, F., & Silva, K. R. (2019). Aprendendo a viver ao longo da vida: desafios de pesquisa sobre a construção da pessoa. *Semina: Ciência Sociais e Humanas*, Londrina, 40(1), 139-142. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432019000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Portella, M. R., Scortegagna, H. M., Pichler, N. A., & Graeff, D. B. (2017). Felicidade e satisfação com a vida: voz de mulheres. *Revista Brasileira de Ciência e Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, 14(1), 93-101. Recuperado de <https://doi.org/10.5335/rbceh.v14i1.5960>.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2013). Intervenções psicossociais com grupo de idosos. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, 16(6), 43-63. Recuperado de <https://revistas.pucps.br/index.php/kairos/article/download/20022/14897>.
- Reis, C., Barbosa, L. M. L. H., & Pimentel, V. P. (2016). O desafio do envelhecimento populacional na perspectiva sistêmica da saúde. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, 44, 87-124. Recuperado de <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/9955>.
- Ribeiro, C. G., Schmidt, C. L., Shimosaka, A. M., & Costa, D. (2015). O envelhecimento sob a perspectiva da vulnerabilidade em saúde: uma revisão integrativa de literatura. *Revista FisiSenectus*, Chapecó, 3(2), 35-46. Recuperado de <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/fisisenectus/article/view/3182/1939>.
- Rozendo, A. S., & Alves, J. M. (2015). Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, 18(3), 95-107. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26210/18869>.
- Schafer, M. H., & Shippee, T. P. (2010). Age identity in context: Stress and the subjective side of aging. *Social Psychology Quarterly*, 73(3): 245-264. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0190272510379751>
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25(4), 585-593. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>.
- Schulz, R., & Heckhausen, J. (1996). A life span model of successful aging. *American Psychologist*, Washington, 51(7), 702-714. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/1996-04968-003>.
- Scoralick-Lempke, N. N., & Barbosa, A. J. G. (2012). Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 29 (Suppl. 1), 647-655. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500001>.
- Seixas, A. M. R. (1998). *Sexualidade feminina. História cultura, família: personalidade e psicodrama*. São Paulo: Senac.
- Silva, A. L. P. (2012). *Poética do olhar: escopofilia e panoptismo em uma produção videográfica* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12292/1/d.pdf>.

- Silva, J. A. R., & Ferret, J. C. F. (2019). Os aspectos biopsicossociais do envelhecimento: um enfoque na sexualidade. *Revista Uningá*, Maringá, 56(S1), 110-117. Recuperado de <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/148/1864>.
- Silva, M. R. S. (2017). *Culto ao corpo: expressões do voyeurismo e do exibicionismo na estética contemporânea*. (2a ed.). São Paulo: Blucher. Recuperado de <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580391718-354/list#undefined>.
- Silva, R. M., Rodrigues, B. B., & Gonçalves, L. S. (2020). A sexualidade na terceira idade sob a perspectiva dos idosos atendidos num ambulatório de psicogeriatría do Distrito Federal. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, 6(2), 6273-6292. Recuperado de <https://doi.org/10.34117/bjdv6n2-071>.
- Sousa, A. I., Silver, L. D., & Griep, R. H. (2010). Apoio social entre idosas de uma localidade de baixa renda no município do Rio de Janeiro. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, 23(5), 625-631. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/3070/307023866007.pdf>.
- Souza, M. B. M. Jr., Melo, M. S. T., & Santiago, M. E. (2010). A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, 16(3), 31-49. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11546/10008>.
- Souza, M. P. (2016). A percepção dos idosos sobre a sexualidade: revisão sistemática da literatura. *Saúde e Transformação Social*, 6(1), 124-131. Recuperado de <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/2703/4457>.
- Souza, M., Marcon, S. S., Bueno, S. M. V., Carreira, L., & Baldissera, V. D. A. (2015). A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito. *Saúde e Sociedade*, 24(3), 936-944. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n3/0104-1290-sausoc-24-03-00936.pdf>.
- Teixeira, P. (2020a). Amazonita. *Pedras Mensageiras*. Espinho, Portugal. Recuperado de <https://pedrasmensageiras.com/amazonita-significado/>
- Teixeira, P. (2020b). Jaspe vermelho. *Pedras Mensageiras*. Espinho, Portugal. Recuperado de <https://pedrasmensageiras.com/jaspe-significado/>
- Teixeira, P. (2020c). Turmalina negra. *Pedras Mensageiras*. Espinho, Portugal. Recuperado de <https://pedrasmensageiras.com/turmalina-negra-preta-significado/>
- Tramontano, L., & Russo, J. A. (2015). O diagnóstico de deficiência androgênica do envelhecimento masculino e os (des)caminhos do desejo sexual masculino. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, 20(1), 174-193. Recuperado de http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/21056/pdf_5.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 39(3), 507-14. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>.

- Uchôa, Y. S., Costa, D. C. A., Silva, I. A. P. S., Jr., Silva, S. T. S. E., Freitas, W. M. T. M., & Soares, S. C. S. (2016). A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 19(6), 939-949. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>.
- Veras, R. P., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência e Saúde Coletiva*, 23(6), 1929-1936. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018>.
- Vilhena, J., Novaes, J. V., & Rosa, C. M. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 251-264. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233031563008>.
- Xavier, L. N., Sombra, I. C. N., Gomes, A. M. A., Oliveira, G. L., Aguiar, C. P., & Sena, R. M. C. (2015). Grupo de convivência de idosos: apoio psicossocial na promoção da saúde. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, 16(4), 557-566. Recuperado de <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2015000400013>.

APÊNDICE A - Questionário sociodemográfico

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Grau de escolaridade:
5. Estado civil:
6. Religião:
7. Com quem reside:
8. Trabalha? Onde? É aposentado?
9. Renda familiar (em salários mínimos):
10. Alguém depende financeiramente do(a) senhor(a)?
11. Tem algum problema de saúde, qual?
12. O que costuma fazer em seu tempo livre?
13. Participa de algum grupo de convivência para idosos?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

1. O que é sexualidade para o(a) senhor(a)?
2. Como vivenciou sua sexualidade nas fases jovem e adulta?
3. Atualmente, o(a) senhor(a) tem parceiro(a) amoroso?
4. Houve alguma mudança na sua atividade sexual, por conta da idade?
5. As informações e o conhecimento acerca da sexualidade e atividade sexual, ainda são satisfatórias e aplicáveis para uma pessoa na velhice?
6. Sabe dizer o que pensam seus familiares sobre sexualidade das pessoas idosas?
7. Como descreveria sua sexualidade, no momento atual?

ANEXO 1

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (3 páginas)

ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

	<p align="center">UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	---

PREZADO (A) PARTICIPANTE

1. O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Sexualidade: (re)descobrimos possibilidades na(s) velhice(s)”.

2. A seleção ocorreu de maneira intencional e sua participação não é obrigatória.

3. O(A) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.

4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.

5. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as percepções e sentimentos acerca da sexualidade na perspectiva de pessoas idosas. E, especificamente: 1) Conhecer os significados e as atribuições dadas à sexualidade e à atividade sexual; 2) Distinguir as vivências da sexualidade nas fases jovem e adulta; 3) Buscar compreender as experiências das pessoas idosas no exercício da sexualidade; 4) Identificar preconceitos subjacentes à sexualidade nas narrativas dos participantes.

6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um teste projetivo com a utilização de figuras e uma entrevista sobre as referidas questões.

7. A pesquisa foi elaborada no intuito de não oferecer qualquer risco físico ou psicológico aos participantes. Entretanto, caso ocorram situações que venham a mobilizar lembranças de vivências potencialmente perturbadoras no contexto da sexualidade e/ou evoquem mitos e preconceitos latentes, que inibiram a expressão da sua sexualidade e da prática sexual, se buscará tratar com especial atenção para serem contornadas, resguardando-se o sigilo e apoio psicológico que se fizer necessário. Salientamos ainda que sua participação na pesquisa poderá ser interrompida, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo de qualquer ordem.

8. Os benefícios relacionados com a sua participação dizem respeito ao fato de que o(a) senhor(a) poderá refletir acerca da própria sexualidade; melhorar a autonomia sobre a expressão da sexualidade e ressignificar a sua sexualidade e prática sexual, redescobrimos possibilidades.

9. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

10. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

11. Caso haja necessidade, a pesquisadora irá encaminhá-lo para a clínica escola da instituição para acompanhamento psicológico.

12. Solicitamos autorização para gravar e transcrever as respostas dos testes, com a finalidade de melhor compreender e analisar os resultados. Estou ciente que ao término da pesquisa os resultados serão divulgados com fins acadêmicos.

13. O(A) senhor (a) está recebendo uma cópia deste termo, no qual constam os telefones e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4 - Telefone: (81) 2119-4172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO C – 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Recife, ____ de _____ de 2019.

Participante da pesquisa